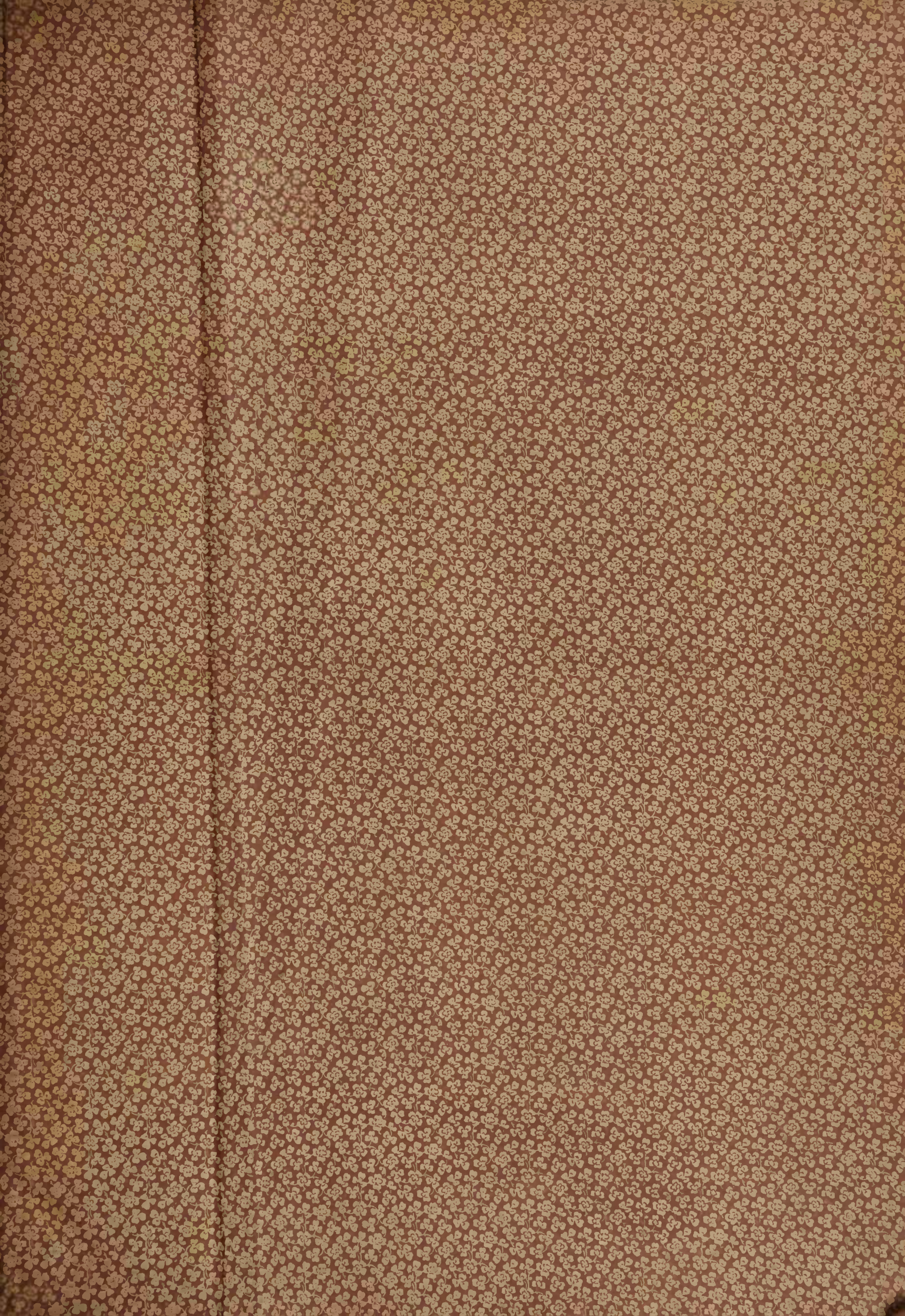


le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

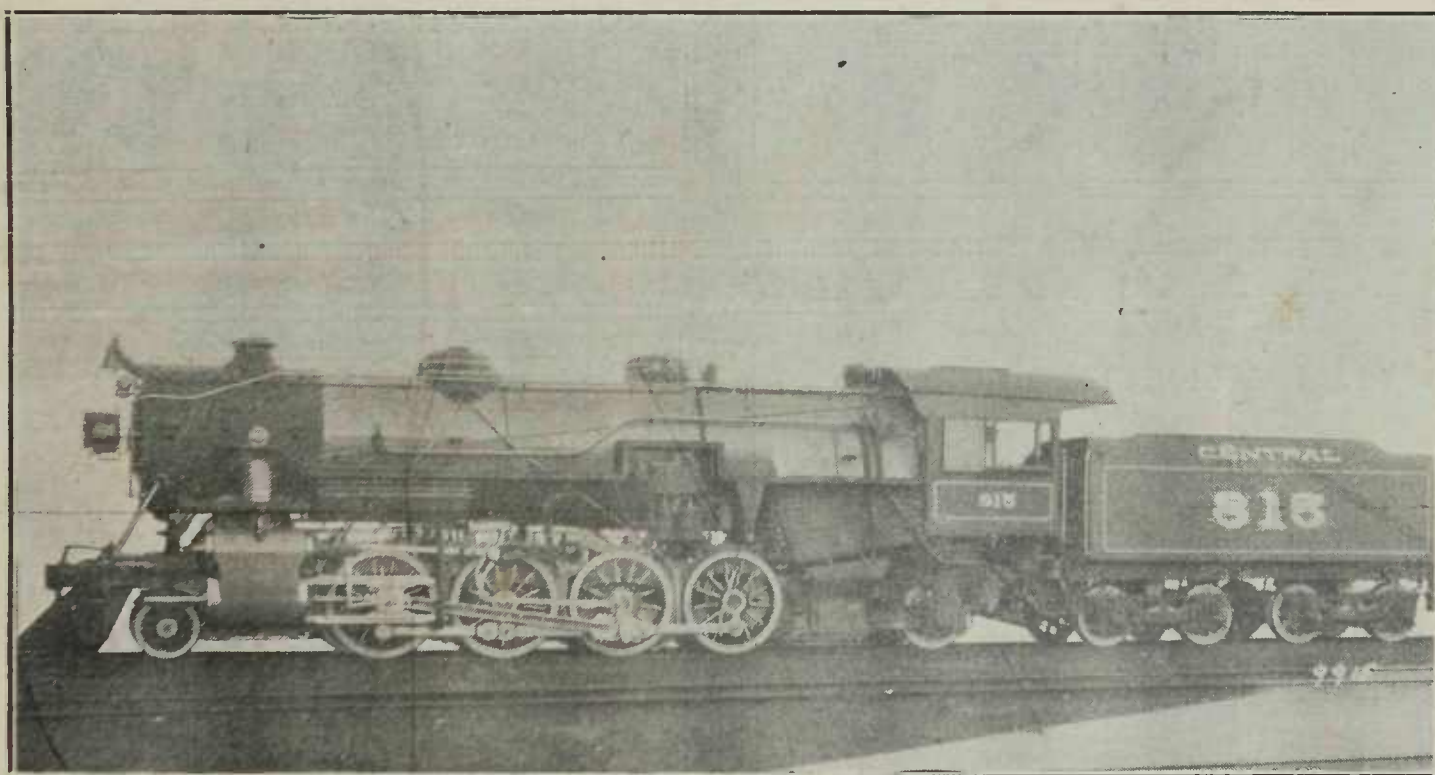
Ex Libris
José Mindlin



MOVIMENTO BRASILEIRO

PRIMEIRO ANNO
NUMERO 1

Director :
RENATO ALMEIDA



A LOCOMOTIVA

JANEIRO

PREÇO 1\$000

RIO DE JANEIRO

MAPPIN & WEBB

JOALHEIROS E OURIRES

100, OUVIDOR

RIO DE JANEIRO

Pedras e Joias finas — Artigos de Prata e
Fantasia próprios para Presentes

Pharmacia Heitor Sampaio

RUA EVARISTO DA VEIGA 30
PHONE CENT. 3191—Prox. ao Municipal

GRANDE STOCK DE DROGAS

— Preços reduzidos —

FOSFOROL

O MELHOR TONICO DA CELULA
ORGANICA

Grandes armazens d'alimentação

DUCHEN

70/70-A, RUA SÃO BENTO

Caixa 497

SÃO PAULO

Especialidades em

BISCOITOS — BONBONS — CHOCOLATES

DOCES — FRIOS

PREZUNTOS — SALCHICHARIAS

SALAMES — CONSERVAS

Mostardas — Pickles — Condimentos

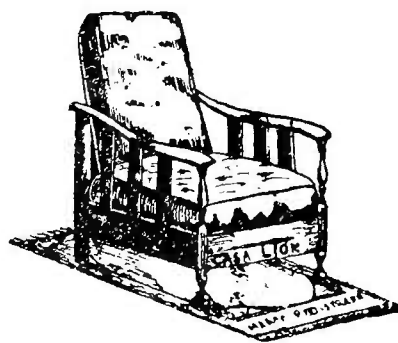
VINHOS

Portos — Champagne — Licores

Massas e macarrão

Expedições para todas as partes contra cheques.

MOVEIS E OBJECTOS DE ARTE
MOBILIARIOS PARA ESCRITORIO



Casa Lion

145, RUA DO ROSARIO, 145

Telephone Norte 5153

RIO DE JANEIRO

"NOVELTY"

COISAS DE ARTE
barão de itapetininga, 59
Phone. 4-7801
S. PAULO

Casa Alemã

Casa Especial

para instalações completas de
maximo conforto.
Maior stock em tapetes, cortinas.
Decorações e fazendas para as mesmas.
Mobílias elegantes de superior execução.
Novos modelos de grupos estofados
e moveis de junco.

Secção recém-creada

Roupas brancas finas para
Corpo — Cama e Mesa e
Roupa de Banho.
Encomendas sob medida.
A nossa especialidade:
Enxovaes finos para noivas
Qualidades boas e solidas.

RIO DE JANEIRO

Orçamentos gratuitamente a disposição sem compromisso.

Praça Floriano, 23

TEL. C. 0049

(Av. Rio Branco em frente ao Supremo Tribunal)

Officinas Reunidas: RUA JORGE RUDGE 120

TEL. C. 4858

MOVIMENTO BRASILEIRO

Revista de critica e informação

PRIMEIRO ANNO

Numero 1

Director:

RENATO ALMEIDA

Representação de classes

AFRANIO PEIXOTO: GLOZEL, PREHISTORIA E PSICOLOGIA

John Galsworth

EMILIO PETTORUTI: JOSÉ MONTANARI

Povos alegres e literaturas tristes

O INCIDENTE ENTRE A BOLIVIA E O PARAGUAY

Teixeira Soares: Notas sobre Vachel Lindsay

A Academia e o Monumento a Machado de Assis

Luciano Gallet: Observações sobre musica indigena

Mortos illustres de 1928

Amoroso Costa

REPERTORIO

Assignatura annual

Brasil-dez milreis

Exterior-dois dollares

REDACÇÃO:

Rua da Quitanda, 63

1.º Andar

MOVIMENTO BRASILEIRO

ANNO I

N. I

Representação de classes

Os regimes políticos não são estruturas cristalizadas, em que não devam tocar as mãos reformadoras. Esse preconceito, que os torna intangíveis às transformações sociais e económicas, que são, por excellencia, as suas determinantes, perturba sobremaneira a vida dos povos, num desequilíbrio constante. As variações do tempo são por tal forma sensíveis, que não é demais insistir na sua preponderancia sobre todas as organizações, em especial sobre aquellas que regem os organismos sociais. Tanto assim, que o próprio common law inglez, um dos paradigmas do conservatorismo politico, tem evoluído e já anulou o poder real e o dos lords, absorvidos todos pela Camara dos Com-muns, instrumento unico do governo britannico. Algumas constituições mesmo já inscreveram nos seus textos a periodicidade das reformas, como meio oportuno de attender sempre ás exigencias de cada época.

No Brasil, nota-se enorme prevenção contra as modificações do organismo politico, que se procura tornar intangível á obra reformadora. Não foi sem difficuldades que se conseguiu a reforma de 1926. Mas essa foi uma violencia a mais contra as liberdades publicas, realizada num momento angustioso de despotismo, em vigencia de um estado de sitio interminavel. A verdadeira reforma, que modifique na sua integra a constituição, desde a base representativa, reforma que é a suprema necessidade do paiz, essa encontra resistencias por toda parte, em especial nas esferas politicas, usufrutuarias da desordem actual. Estas, porém, precisam ser vencidas para a salvação brasileira.

A base representativa do poder não póde continuar a ser, no Brasil, o suffragio universal que, por absoluta impossibilidade de legitima execução, como já temos analysado, só favorece á politica profissional, com os seus conchavos e olygarchias, que tornam os mandatos um jogo proveitoso em meia duzia de mãos, tornadas irresponsaveis, e do qual se alheia a nação, apenas vigilante ao seu soffrimento e continua expoliação. Só a representação nacional pelas classes resolveria o problema. No dia em que o Congresso fosse uma expressão real do pensamento de agricultores, commerciantes, operarios, militares, industriaes, medicos, advogados, funcionarios, etc., elle passaria a ser um espelho fiel dos interesses do paiz, portanto seria a nação mesma. Objecta-se que não temos classes organizadas. Mas, quando forem chamadas ao governo, ellas se organizarão e, como a função cria o

orgão, teriamos, talvez nas bases syndicalistas, obtido duas vantagens concomitantes, organização e representação de classes.

Viria consequentemente a responsabilidade, cuja ausencia torna o governo absoluto, dando ao executivo, sobretudo, como poder pessoal, um limite exorbitante, que traz o Congresso em vassalagem e o judiciario em dependencia. A anulação do legislativo, principalmente, é um symptoma alarmante do regime vigente. A maioria das leis são feitas por extranhas delegações, mesmo de funções privativas, para não falar na sujeição em que vive ao mando discrecionario do executivo.

O governo pelas classes tornaria impossivel toda essa inversão de poderes, uma vez que cada qual teria a quem prestar contas, pois os seus eleitores velariam pelo exercicio dos mandatos, na defesa dos seus interesses. Em regra, fala-se na ausencia de partidos e aponta-se a sua organização como remedio idéal. Os partidos, porém, só vivem do suffragio universal que, no Brasil, não póde existir, dada a circumstancia da maioria do povo ser incapaz de exercel-o, entre outros mctivos, pela percentagem de analphabetos. Mesmo executado em parte, o governo seria de minoria, falseando ainda a generalidade do systema, que é da sua essencia. Ao passo que as classes não valem pelo numero, mas pelos interesses que encarnam e são os da totalidade do paiz.

Os proprios governos, com base no suffragio universal, não são mais do que expressões do equilibrio de classes. Na Inglaterra, a Magna Carta foi um pacto de paz entre as classes em disputa e, nos Estados-Unidos, são as suas organizações que travam e decidem os pleitos eleitoraes, tanto que as lutas politicas situam os problemas no interesse desses elementos e não, como no Brasil, em torno de formulas geraes, para illudir a essencia subalterna das aspirações em jogo. Assim, não será de extranhar entre nós, esse apello, para dar realidade ao systema representativo, que possuímos e devemos manter a todo custo. A republica, no Brasil, precisa sair das bases romanticas, que degeneraram no arbitrio, para um regime verdadeiramente nacional, em que os órgãos activos da sua existencia, collaborem com efficacia. Essa é a grande reforma de que precisamos e podemos fazel-a constitucionalmente, para integrar a nação nos seus proprios destinos.

Glozel: Prehistoria e Psicologia

AFRANIO PEIXOTO

Foi Julianó o Apóstata quem primeiro reparou na pugnacidade daquelles que, na mesma terra, precederam aos Francezes: depois, para estes, a observação é constante. E' o povo brigão, por excelência e, quando não briga com os outros, briga entre si, consigo mesmo, interminavelmente. Briga civil, politica, literaria, artistica, até briga scientifica. Houve um dêles, homem de raro merito, o Abade de Saint Pierre que não contente de disputar com toda a gente na sociedade, nas academias, por toda a parte, contratou um sujeito, cujo officio era, todas as manhãs, ir teimar com êle, em ásperas e intransigentes disputas.

"Disputons-nous" parece o mot d'ordre dessa gente: como êles, só os Gregos antigos foram tão amigos da discussão e da briga, até se extenuarem na decadencia. E' que a discussão não traz a luz e, ao excesso, desvia o sentimento e perturba então o caracter; na obscuridade intelectual consequente melhor aparecem as taras do instincto.

Um exemplo dessa tendencia, e desse defeito, está na "guerra" de Glozel, ora desencadeiada entre sabios e que já se comunicou ao periodismo, ao fôro, á sociedade em geral, porque hoje "glozelianos" e "anti-glozelianos", os ha, infinitos, que não sabem mesmo o que é Glozel...

E' um novo "affaire Dreyfus", em que se não ha algum sangue derramado, nem ainda um exilado, ha invectivas, insultos, falsidades, mentiras, intrigas, indelicadezas, intrigices, como no outro. E não pensem que essas maldades humanas são de quaesquer desclassificados; não, são de homens que dão um triste exemplo de como o mau character se allia, ás vezes, á bela intelligencia. E' um professor do Colegio de França que tenta pôr o nome na descoberta alheia, e, não o conseguindo, difama-a, pois que não o deixam "colaborar", *sic vos non vobis*. E' um professor da Universidade de Tolouse, trêfego, intrigante, cabalista, que falsifica telegramas e noticias para os jornaes, e não se scandaliza desses processos indelicados. E' um membro da Academia das Inscrições que mente, cita em falso, injuria, inventa para as necessidades de sua causa, faz cartas anonimas e continúa triunfante, consciante e inconsciente da sua mesquinhez. E' um membro de uma Comissão internacional, uma mulher! (desta vez uma inglêsa...) apanhada em delicto de fraude, no campo de pesquisas, fazendo um buraco no solo indevidamente... para fazer crer uma falsidade. Miss Garrod não é um gentleman. Outro estrangeiro, Bjorn, do Muséu de Oslo, honesto norueguês, exclama: "Cégos ou deshonestos..." Como a paixão lhes deixou a lucidez, só fica a última alternativa...

Mas não antecipemos. Glozel é uma grande descoberta: revolucionária descoberta em Pre-historia. Simplesmente isto: num lugarejo, com quatro casas,

que tem este nome, perto de Vichy, no macisso central da Auvergne, num campo a ser lavrado, descobrem-se objectos antigos enterrados. Suposição "romana" a principio, mas eis que um medico, dado á arqueologia, aparece, estuda e revela que é uma estação neolitica, isto é, do tempo da pedra polida. Os objectos achados, porém, revolucionam as idéas adquiridas e aceitas pela sciencia official. Os sábios patenteados bem queriam ser autores da novidade, mas como não o são, e isso vem pôr por terra seus tratados e teorias, o primeiro argumento é negar a evidencia e acusar de falsos, falsificados, os objectos. Mas testemunhos irrecusaveis fazem pesquisas e autenticam os achados. Vem a controversia, a intriga, o fôro, as calunias, e só faltam as vias de facto.

Mas, volvamos a Glozel, discutido exatamente porque é novo — e o novo para os conservadores não pode ser bom e verdadeiro —; porque emenda os sabios e os professores, que terão de refazer idéas e tratados; porque o desejo de gloria é tão grande que todos se sentem roubados com um grande achado alheio. e dahi, a reacção de o diminuir ou aniquilar... *invidia doctorum*; porque, enfim, essas pedras milenarias compradas a um camponês, por alguns francos, poderiam ser vendidas a um americano rico, por alguns milhões... Por isso tudo, discussões, injúrias, calunias... Mas a evidencia é a nossa certeza, a verdade relativa deste mundo.

* * *

Glozel existe e é autentico. Vejamos a sua novidade. E' uma jazida, uma estação neolitica; ahi se encontraram machados e pedras polidas, nenhum silex lascado. Mas se encontraram tambem — contra as idéas adquiridas — desenhos de renas nesses seixos polidos; encontram-se tabletas de ceramica com inscrições alfabetiformes; encontram-se vasos de argila com desenhos e formas ideograficas. E, nisso tudo junto, é que está o "paradoxo" para a sciencia official.

Com efeito, admitia-se que o homem neolitico não havia sido, na Europa Central, contemporaneo das renas, que emigraram para o norte com o abrandamento do clima, e, com elas e os homens, a civilização quaternaria dita "madalena" (pelos achados da estação de Madeleine, em França). Ora, Glozel prova a contemporaneidade ainda da rena com o homem neolitico e a civilização decurrente em França.

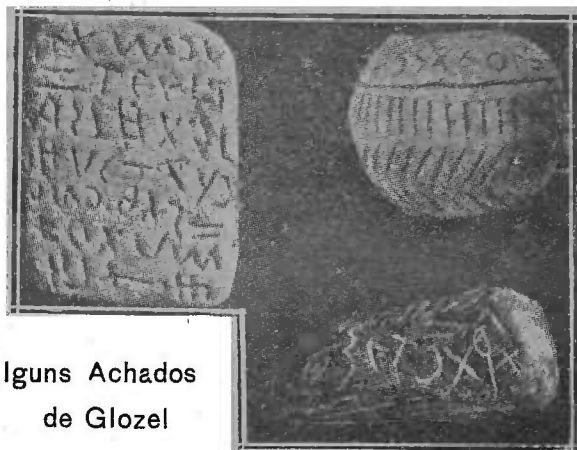
A ceramica e a rena coexistentes, declaradas até agora impossiveis, são provadas em Glozel. Só o homem paleolitico possuira a arte da gravura em pedra e osso e em Glozel, com os primeiros vasos, se acham desenhos em pedra e osso, como machados mal polidos. A ceramica havida por muito posterior á imitação da forma humana em terra cozida, que era apenas anterior ao ano mil em França, existia já, pelo menos,

dois mil anos antes e com aspectos originaes personados, ou com a figura humana.

Finalmente, a escrita linear ou alfabetiforme, ha-vida por fenicia (1500.anos antes de Cristo, segundo a lápide de Ahiram, achada em Biblos) ou um pouco mais velha, egêana, segundo os achados de Evans, em Creta — é, de muitissimo, anterior, tres a seis mil anos, e é europêa e não asiatica. O proverbio, voz do povo, e divina portanto, voz autorizada pelos sabios, **ex oriente lux**, está contraditado. Pelo menos, se Fenicios e Egêanos disseminaram pelo Mediterraneo, já nas epocas historicas, um alfabeto simplificado, haviam-no recebido de seus clientes europeus, muito antes... A civilização viera da Europa a Asia, como, mais tarde, da India pelo Egipto, tornára a Grecia e ao resto da Europa; como agora, de novo, da Europa, retrocede ás Indias e ao Japão... Não mais porém só do Oriente, mas do Occidente para o Oriente, como historicamente, do Oriente para o Occidente, como, no futuro, do Occidente de novo para o Oriente... O zig-zag da cultura, a espiral da civilização que gira em torno da terra. Glozel apenas revela o ponto de partida, até agora conhecido, mas de Léste para Oeste. **Ex occidente lux**...

Ora, tudo isto, tal revolução na pre-historia, sciencia incipiente, por isso muito presumida, não pode ir sem cataclismo. E' o que estamos vendo. Se ela tem documentos "certos" de observação, ha muito de conjectural, e, nela o que domina é a imaginação. E isso, não é, pelas razões enunciadas, muito feliz. O grande arqueologo italiano, que exumou e "reedificou" a Roma antiga, Rossis, chegou a dizer "**Preistoria, scienza degli analfabeti**". Salomão Reinach, outro grande sabio, filologo e erudito, chegou a dizer: "Quando um homem não sabe nem grego, nem latino, nem alemão, nem inglês, nem italiano, quando não sabe mesmo escrever correctamente o seu idioma, em uma palavra, quando nada sabe, faz-se pre-historiador." E' razoavel que presumam demais e tenham moralidade á altura da ignorancia. Boucher de Perthes, no meio do seculo passado, como agora o Dr. Morlet, que não eram pre-historiadores, e apenas um empregado do fisco, e o outro medico-consultante em Vichy, e revolucionaram, pelos achados da Somme e de Glozel, a pre-historia, deviam esperar, pelo menos, o martirio. Até lá, a contestação, a acusação de falsarios, a calunia, ao menos a inveja.

Felizmente hoje em dia não se chega mais a aventura de Galileu, nem á fogueira de Servet. O misonheismo assume até aspectos humoristicos. Tal, por exemplo, o caso do veneravel Camilo Julian, membro da Academia Francesa, notavel celtisante e historiador das Gallias. Como Elias de Beaumont, conspicuo geologo que viu nos sílex polidos de Boucher de Perthes obras romanas, tambem Julian vê em Glozel um antro de feiticeira da epoca gallo-romana, que reunira em sua officina todo esse material de antiguidades pre-historicas. O bom velho nem sequer foi a Glozel, sentenciou de Paris, nem quis atender a que em quasi dois milheiros de objectos achados, não havia nenhum de metal, nenhuma moeda, nada, mas nada romano ou gaulês. Não importa, o sabio fez comunicações ás academias e até chegou a traduzir o pseudo-latim de uma inscripção glozeliana. Repetiu a tolice de Emilio Burnouff que leu e traduziu por chinês, que aliás ignorava, uma inscripção achada por Schliemann, em Troia... Julian tambem arranjou o seu latim, por uma



Alguns Achados
de Glozel

AMOROSO COSTA

Logo que ficou decidido o apparecimento desta revista, procuramos varios escritores e cientistas, solicitando-lhes a collaboração nestas columnas, de sorte a fazel-a um elemento util á cultura brasileira. Dentre esses, estava Amoroso Costa, um dos maiores mathematicos do Brasil. O saudoso mestre nos prometteu um artigo para o primeiro ensejo. Pouco tempo depois, publicavam **Les Annales** um artigo de Nordmann, conhecido astronomo francez, sobre a hypothese de um seu collega inglez, da extincção subita do Sol. Quizemos ouvir a opinião de Amoroso Costa sobre o assumpto e elle nos respondeu, na carta que transcrevemos abaixo. Para nosso mal, mesmo continuando o Sol a fulgir, não poude cumprir a promessa. Mas esta ficará como um motivo de gloria para esta revista.

Sobre o grande cientista, publicaremos, no próximo numero, um artigo do illustre mathematico e publicista, professor Ignacio de Azevedo Amaral.

Eis o teor da carta que nos endereçou Amoroso Costa:

"Rio, 19 de Outubro de 1928.

"Prezado amigo Dr. Renato Almeida.

"O que penso de uma possivel extincção brusca do Sol? O mesmo que Nordmann em seu artigo de "**Les Annales**": "**Cette petite catastrophe mettrait un point final à bien des difficultés qui nous agitent.**"

"Na esperança, entretanto, de que antes disso sua revista tenha uma longa e gloriosa existencia, peço-lhe que me creia seu admirador e amigo — (a) M. Amoroso Costa.

P. S. — Não deixarei de lhe enviar a collaboração promettida, quando encontrar um bom assumpto — e se até lá o Sol ainda existir."

fotografia, tomando por letra uma falha ou fractura do objecto, que na reprodução da arte era um risco pseudo-literal. **Quando que bonus**... Apelou para o seu amigo, o sabio Audollent, decano da Universidade de Clermont, que se fizera autoridade em decifrar inscripções magicas latinas difficilimas. Pois bem, este lá foi, pesquisou, examinou e declara nas inscripções de

Glozel não ha nenhum cursivo, nem latim, nem fenicio, nem grego. Naturalmente os dois amigos, depois disso, ficaram inimigos. Scelerado, dizia P. L. Courrier é quem não tem a minha opinião...

Outros sabios, de longe, gritam: é falso, é impossivel, como de perto aquele Bouillaud, na Academia de Sciencias, diante do fonografo: "é ventriloquia!" Outros, tambem sequer sem se darem ao trabalho de ver, fazem como Lavoisier, que relatando acerca de um aerolito, que se dizia caído em terras de França, sem sair de Paris, decretava: "se no céu não ha pedras, como podem elas cair de lá?!" E' mais claro que a evidencia...

Outros fazem lembrar aquilo que referem os Goncourt no seu "Journal". Jantando ao lado de Flammarion, o astrónomo se lhe pôs a predizer o fim da terra, resfriada, sem homens, um planeta congelado, como a pobre lua actual, que nos precedeu nessa decadencia. E Goncourt ingenuamente a reflectir, a alma ensombrada pela decepção: "E nós que pensavamos fosse eterna a lingua francesa e nossos livros eternamente lidos!"...

Assim René Dussand — que se poderia chamar o "Fenicio", como aquele Marmet o "Etrusco", do **Lys Rouge**, de Anatole France: não é a unica relação entre os dois, pois um foi o Mr. Roux, do **Monsieur Bergeret**, que foi o outro... — que tinha como gloria a lápide de Ahiram, achada na Syria, primeiro documento do alfabeto, 1500 anos antes de Cristo. "Enfoncé" o Fenicio, portanto, Glozel é falso, e Dussand, apesar de membro do Instituto, chega á indelicadeza das cartas anonimas, confessadas depois...

Assim sir Artur Evans, o homem de Creta, que destituiu os Fenicios em favor dos Egeanos, o qual, de aeroplano, trem expresso, possante automovel, foi de Londres a Glozel, apressado, para não ver nada, não querer ver nem ouvir nada, apenas "para ter a autoridade de lá ter ido" e poder dizer ser tudo falso, impossivel, pois que destituíram os seus Egeanos, de autores do alfabeto... Como esses sabios modernos amam a Fenicios e Cretenses! E' tocante essa postuma dedicacão... Amam, pobres homens que são, á sua gloria efêmera, que vaidosamente quereriam imortal. Goncourt não podendo mandar parar o tempo, a terra, o sol, como Josué, pelos menos, se podessem, torceriam o pescoço a Flammarion. Irritado com a sua tradução latina, na qual colaborára uma racha linear do objecto, que dera um traço na fotografia, Julian prevê a correccional para os glozelianos... E' justo, quando somos ridiculos que devam ser presos os que se riem de nós...

* * *

Atrás de mim virá quem bem me fará. Em 1891, Estacio da Veiga encontrando em Portugal sinaes lineares em um fragmento de vaso, afirmava, no fim da **idade de pedra**, uma linguagem escrita. Em 1903, Ricardo Severo (hoje em São Paulo) anuncia os achados de Alvão, nos Tras-os-Montes, estação neolitica com persistencia da rena, e sustenta, como Piette em 1896, a origem occidental do alfabeto: o iberico precedia de muito o fenicio e ao egeano. Pois bem, Alvão foi declarado falso: hoje, é um precursor de Glozel, cuja veracidade vem atestar. Dois portugueses illustres,

O PENSAMENTO DE BERGSON

Elle é, com effeito, uma atmospherá em que vivemos e respiramos.

O pensamento de Henri Bergson começou por destruir os idolos criados pelo conhecimento abstracto e a intelligencia theorica. Num mundo, que nos representavam como formado por materiaes rigidos e compactos, taes como a personalidade, os principios, as fórmas geometricas, elle fez circular a vida. Mostrou que a realidade tinha a fluidez, a mobilidade e a diversidade das fontes luminosas.

Mas não deixou esse mundo entregue ao acaso e á estagnação. Imaginando-o, emprestou-lhe um principio activo e formador, o **élan vital**.

Assim, o universal fluido se lança, turbilhona e vive. Se estaciona, coagula-se, morre de um certo modo, aqui e ali, como o cysne de Mallarmé, surpreso e prisioneiro num lago subitamente gelado. Obstaculos se levantam então, de lugar em lugar, mas o elemento vivo passa por entre elles e prosegue, em liberdade, o seu vôo criador, indefinido e infatigavel.

Fortunat Strowski

Leite de Vasconcelos e Mendes Corrêa, glozelianos, retribuem assim as gentilezas recebidas, faz alguns anos, por Estacio da Veiga e Ricardo Severo. A verdade de hoje é uma mentira da vespera que nos contrariava a verdade "de dia", a pobre certeza humana, oficialmente scientifica...

* * *

Em suma, nesse caso de Glozel, novo "affaire Dreyfus", em que ha "crentes" e "incredulos", sem conhecimento, como é regra, por sentimento apenas, ha a pugnacidade de sabios que são frãnceses, e, portanto, brigões, mas tambem são homens, e portanto, intrujões, intrigantes, invejosos, maus, muitos deles, mas, felizmente, muitos outros que salvam a honra da espécie e o decoro da civilização. Ha um descobridor feliz, que se fez na defesa, no ataque, na polemica, um renome de pre-historiador, o Dr. Morlet, de Vichy, o Boucher de Perthes, do Seculo XX. Ha uma multidão de sabios que defendem a evidencia — a verdade dos factos — e a verdade relativa das idéas — que a outra persiste em negar: Salomão Reinach, o primeiro e o maior de todos, que dispensa titulos; Esperandieu, da Academia de Inscriptões; Loth, do Collegio de França; Viennot, presidente da Sociedade Geologica de França; Van-Gennep, que se fez autoridade ethnografica, pre-historica, arqueologica no "Mercure de France" e nos seus livros; Mayet, professor na Universidade de Lyon; Audollent, decano da Universidade de Clermont-Ferrand; Bayet, professor da Universidade de Bruxellas; Leite de Vasconcelos, professor da Universidade de Lisbôa; Mendes Corrêa, professor da Universidade do Porto... E outros, e outros, **last but not least**.

Indo a Glozel, e tendo visto o museu rustico dos Fradin, os camponeses donos do campo de pesquisas onde se travou e se trava uma grande batalha pelo co-

Povos alegres e literaturas tristes

Um homem do interior de Goyaz e que nunca saiu do seu matto, querendo estudar a psychologia dos povos pelos seus escritores, chegou á conclusão de que não ha povo alegre no mundo.

Elle leu os francezes. **Obermann**, de Sénacourt; **René**, de Chateaubriand; **Adolphe**, de Benjamin Constant; **Meditations**, de Lamartine; **Les Misérables e Tristesse de l'Olympio**, de Victor Hugo; **Indiana**, de Georges Sand; **Les Nuits e Rolla**, de Musset; **Aurélia**, de Gerard de Nerval; **Madame Bovary**, de Flaubert; **Fleurs du Mal**, de Baudelaire; **Illusions perdus**, de Balzac; **Le Rouge et le noir**, de Stendhal; **L'Assomoir e Germinal**, de Zola; **Vase brisé**, de Sully-Prudhomme; **Une Station à l'enfer**, de Rimbaud; **Jardin de l'Infante**, de Samain; **Jack**, de Daudet; **Diaboliques**, de Barbet d'Aurévilly; **Contes Cruels**, de Villiers de l'Île-Adam; **Vie de Bohème**, de Murger; **Ignés de la Sierra**, de C. Nodier; **La Dame aux Camélias**, de Alexandre Dumas fils; **La Femme nue**, de Bataille; **Le Disciple**, de Bourget; **Les Ratés**, de Lenormand; **Poil de Carotte**, de Jules Renard e **Les Thibauts**, de Roger Martin Du Gard.

E o goyano concluiu que o francez é um povo triste.

Elle leu os inglezes. **Ivanhoe**, de Walter Scott; **Manfredo**, de Byron; **Silas Maner**, de George Elliot; **Jude the obscur**, de Thomas Hardy; **The Egoist**, de Meredith; **The ballad of Reading**, de Oscar Wilde; **David Copperfield**, de Dickens e os poemas de James Thompson.

E o goyano concluiu que o inglez é um povo triste.

Elle leu os allemães. **Werther**, de Goethe; **A Noiva de Messina**, de Schiller, a philosophia de Schopenhauer; **Os Contos** de Hoffmann, as poesias de Lénau; **Intermezzo e Romancero**, de Heine; o **Subdito**, de Henri Mann; **Tonio Kröger**, de Thomaz Mann; **Os Tecelões e O Cocheiro** de Henschel, de Hauptmann, **Morituri**, de Sudermann; **Abituriententag**, de Franz Werfel.

E o goyano concluiu que o allemão é um povo triste.

Elle leu os italianos. Poesias de Leopardi e de Ugo Foscoli; **Promessi Sposi**, de Manzoni; os dramas de Alfieri; os poemas de Giovanni Pascoli; **Fatalità**, de Ada Negri; **Trionfo della Morte e Piacere**, de D'Annunzio; **Sei personaggi in cerca d'Autore**, de Pirandello.

E o goyano concluiu que o italiano é um povo triste.

Elle leu os norte-americanos. **O Corvo**, de Poe; **Evangeline**, de Longfellow; **A Cabana do Pae Thomaz**, de Stowe; **The Lamplighter**, de Maria Cummins; **Scarlet Letter**, de Hawthorne; **Sister Carrie**, de Theodoro Dreiser; **O homem que se tornou mulher**, de Sherwood Anderson; **City Book**, de Waldo Franck e **Manhattan-Transfer**, de John dos Passos.

E o goyano concluiu que o norte americano é um povo triste.

E, depois de ter gásto metade da sua boiada em livros, elle não quiz mais ler russos, scandinavos, portuguezes ou brasileiros, fatigado de tanta tristeza.

nhecimento humano de suas obscuras origens; tendo em Vichy visto em casa do Dr. Morlet sua collecção e sua franqueza, sua pugnacidade e sua sciencia; tendo visto em Paris, em Boulogne-sur-Seine, a Salomão Reinach, cuja sciencia é tão enciclopedica como é tolerante a sua philosophia, — eu, que não sou nem sabio, nem archeologo, nem epigrafista, nem nada, nem mesmo pre-historiador... — admirei certamente isto que representa a maior descoberta destes cem anos sobre as origens do homem e da civilização, mas me interessei tambem pelo outro problema connexo, mais actual, sempre eterno, o problema psicologico...

Glozel é uma mina de conhecimento pre-historico; mas é um ambulatorio de psychologia clinica. Não é só o homem arcaico que se estuda ali; é tambem o homem actual, o homem de sempre. Certamente mau, invejoso, caluniador, intrigante, falsario, mentiroso, escrevendo cartas anonimas e falsificando telegramas, conservador de sua vaidade e negador até da evidencia — o homem, em suma.

Mas, igualmente, a curiosidade, o estudo, a imaginação, a logica, a sciencia, a pugnacidade, a controversia, o debate, a serenidade, a reflexão, o conhecimento — humanos tambem.

Glozel é pre-historia, mas tambem é psychologia.

JOHN GALSWORTH

A. T. S.

O famoso escriptor inglez, ora entre nós, cuja vida tem sido modelo de nobreza a ponto de rejeitar o titulo de *sir* que o soberano lhe pretendia dar, o magnifico amigo de Conrad, o gentleman viajando, em hiates, terras longinquas e archipelagos exóticos, é um dos grandes romancistas eduardianos (Bennett, Conrad, Wells, Kipling e Galsworth). Hontem era Kipling que visitava o Brasil; hoje é Galsworth. O Brasil é, por conseguinte, elevado á categoria de *land of mystery*, para as imaginações cansadas do scintillante tumulto de Londres, da vida cinzenta do Wessex e da agitação revolucionaria de Dublin. Hontem, era a Italia o sedativo espiritual dos novellistas inglezes, que procuravam cor, brilho, vida e liberdade; hoje, é a America Latina *in making*, a America Latina das dilatadas selvas e das montanhas rispidas, a America Latina que imita, mas que os seus totens não querem que se plasme á imitação, a America Latina destes sóes, dos Brasis, dos Mexicos, das Colombias, a America Latina que vae até além... a America Latina de todas as potencialidades. Meyers, um dos mais fortes escriptores da moderna literatura ingleza, em *Clio* não descreveu a viagem de um hiate de gente rica londrina, Amazonas acima, que pretendia separar o Norte, do Brasil... Deformados, concava ou convexamente, acabamos lucrando. Seremos conhecidos. Fabulosamente conhecidos, como a Abyssinia ou a Somalilândia. Emfim... Galsworth, evidentemente, é bemvindo da gente que faz transacções com as letras inglezas, bemvindo sem discursos e sem ignorancia.

Analysta frio, objectivo e paciente. Se fosse biologo, seria discipulo de Huxley. Observador de todos os strata da sociedade do seu paiz. Ha mais de vinte annos que não faz outra coisa que observar. Translada as observações para a sua prosa vigorosa, simples e massiça. Prosa-caterpillar. Prosa *ham-and-eggs*. Como todos os grandes romancistas inglezes, atravez dos seus vinte e pouco volumes de romances, ensaios e esplendidas peças, Galsworthy tem a sua mania, o seu *hobby*: a vida de uma familia de 19... a 1927, ante et post-bellum. Ali o nucleo incandescente da sua obra. Obra de investigador paciente, que procura documentos humanos, como um historiador esquadrinha a Torre do Tombo á caça de feito de capitães-mores. Obra complexa, animada, movimentada, — muito detalhe, muita observação, belleza real — muito gesto nobre, muita perfidia amavel, e burguezia rica para tudo e por tudo. Pergunta-se: essa familia burgueza, com todas as suas acções e reacções — os Forsytes — vive deante de nós? Galsworth, estudando a existencia dessa familia, *presentiu* que a data de 1914 marcava o inicio de uma nova era. Presentiu e quiz *fixar* os ultimos gestos de uma casta que mergulharia no turbilhão da sociedade de após-guerra. Essa, a verdade. Sem se dizer que Gasworth seja discipulo de Turgueneff ou Tchekow, quando mais se approxima de Trollope e Dickens. Que visão detalhada, infinitesimal, logarithmica, percuciente da sociedade londrina. Os menores gestos, o padrão dos cheviots, a cartola cinzenta, o amor proprio do *lord*, o tique escondido das palpebras, o

infa-motivo, tudo isso apparece nos melhores romances de Galsworth (os ultimos, infelizmente, não passam de *best-sellers*). Vivesecção moral. O detalhe sempre maior do que a "scena": — ahi o seu defeito. O gesto maior do que o homem. A intenção maior do que o ser que a produz. O detalhe anonymo, o detalhe-detalhe, enche a obra de Galsworth. A's vezes, a ironia — que logo se commede para não chöcar. Ironia de gentleman. A vida da burguezia rica, da nobreza e dos meios artisticos, em que ha mais snobismo e excentricidade do que originalidade e espirito, o impressiona. A vida sordida, leprosa, quotidiana que torna os romances de Arnold Bennett, tão poderosos e dynamicos, em que a linguagem syncopada de jornal constitue o mais bello estylo (*Riceyman Steps, Clayhanger, Old Wives' Tale*) não apparece nos romances de Galsworthy.

Lendo-se a "*Saga dos Forsytes*", "*Fraternidade*", o "*Patricio*", tem-se lido toda a obra de Galsworth. Deixem-se de lado os ultimos, — os paineis finaes da *Saga* — "*The White e Swan Song*". Pergunta-se: esse romancista, que não tem a dramaticidade de um Hardy, a paixão primitiva de um D. H. Lawrence, a observação intensa de um Meredith, a analyse de um Butler ou de um Aldous Huxley, interessa aos que vivem na sociedade actual, imantada pelo bolchevismo, pelo fascismo, pelo fordismo e por tantas outras coisas, productos da catalyse da Grande Guerra? Não nos preocupam a archeologia, a paleontologia de uma sociedade que se fossilizou em grande parte, e que, por conseguinte, perdeu a sua vida dramatica. Galsworthy é um grande escriptor, mas que pouco interessa os modernos. Não abre caminhos novos. Trilha caminhos antigos. As aguas subterraneas do mundo moral que se veem em Forster, D. H. Lawrence, Aldous Huxley, Osbert Sitwell, Norman Douglas, Joyce, do mundo de hoje, não existem na obra de Galsworth. E o motivo é simples: Galsworth estacou em 1914.

Como dramaturgo, Galsworth é muito maior do que como romancista. *The Silver Box, Strife, Justice e Loyalties* são quatro profundos dramas. *Exact transcripts from life*, como diz William Archer, no seu admiravel "*The Old Dram and the New*". Mais do que isso: formulas concisas, rapidas e violentas de muitos problemas do mundo. Os preconceitos da sociedade burgueza, o farrapo humano triturado na immensa machina da justiça judiciaria, a luta entre o capital e o trabalho, as desigualdades chocantes da sociedade, os determinismos sociaes prendendo os homens que se consideram mais livres — tudo isso apparece nos seus grandes e profundos dramas. Sem technica nova, sem arrojios á Shaw ou atmosferas mediumnicas á Yeats, são grandes, porque vivos. Como romancista, não nos interessa mais. Pertence muito á sua epoca. Não tem a perennidade de um Fielding, um Richardson, um Meredith. Tirando *Fraternidade e Saga dos Forsytes*, Galsworth entra para os manuaes de historia literaria. Distanciou-se de uma epoca que não é mais sua. Compreendeu. Resignou-se. Entretanto, os seus ultimos romances continuam sendo successos de livraria...

JOSÉ MONTANARI

EMILIO PETTORUTI

De Varese, onde fez sua residência definitiva, José Montanari, inteligente e extranho fabricante de beleza, bombardeia com seus quadros, ha varios annos, quasi todas as exposições collectivas que se realizam na peninsula.

Este infatigavel trabalhador nasceu a 30 de Outubro de 1889 em Osimo, provincia de Marche. Fez os seus estudos de desenho e pintura na Real Academia de Brera, em Milão, sob a direcção do professor Tallone, um dos artistas mais sabios daquella epoca. Seguiu os preceitos do bom mestre milanez, que lhe ensinou a força sensual do seu modo de colorir, muito lombardo, consistente em suas harmonias de tons baixos e unidos, nos quaes as tintas mais ardentes e fugaces pareciam deter-lhe a mão e lançar os seus rumores para dominar as sinfonias dos fundos atenuados de brancos e cinzentos, ou submessos em sombras obscuras.

Não demorou em libertar-se da maneira do seu querido e velho mestre, e orientando a sua arte até o desenho, torturando-se, como os antigos, para ambientar as suas figuras, sem deixar de lhes dar caracter e espirito moderno.

Reagiu energicamente e fez, na pintura, da logica um methodo; reflexibilidade de uma ordem mais estricta de desenho, que o levou a tentar certas experiencias em xilogravura, cartazes e aguarella, obtendo cada dia uma prova mais evidente do valor puramente constructivo da linha e de um equilibrio rithmico.

Hoje, Montanari representa a tendencia entre Spadini, o academico, e Casorati, isto é, como Spadini applica a luminosidade no centro do quadro; como Casorati dá uma grande importancia á composição, procurando collocar as figuras no espaço, no que Casorati chega a um valor quasi metaphysico, enquanto Montanari só tem um valor lineal. Da academia resta-lhe esse verismo demasiadamente objectivo de que ainda se não pode desprender, talvez pelo excessivo amor ao modelo. Não ha um só dos seus quadros, que não evidencie alguma tentativa de ordem puramente technica, o que, por outro lado, é uma feição caracteristica da pintura lombarda. E' possivel que o estudo intenso o

leve á completa eliminacão de certas asperézas, fruto inevitavel do trabalho consciente, da minuciosidade, mas imprescindivel para que o nosso artista se encontre a si proprio; quando fundirá as tres maneiras numa só, na sua maneira, que será o seu estilo.

A qualidade do tom, a materia consistente, a technica ampla e airosa, da mais pura tradição lombarda, se apossaram delle e se uniram ás bellas qualidades da sua terra de origem. Os largos espaços em suas telas, cheios de côres, estão coordenados com o sentido exacto do seu valor e ficam fundidos de modo tal que não interrompam o encanto extranho e saboroso do tom ambiente, quente e incendiado, cheio dessa sensualidade que envolve os objectos, quando se percebe a sua bellissima realidade. A selecção das suas tintas contribue para augmentar tal effeito e, dispostas com requintada finura, são, ao mesmo tempo, de uma substancia rica e magestosa, que as torna fluidas.

Além de quadros, faz pequenas telas com flores e naturezas mortas, e, sobretudo, com espiritualidade e forma nobre, o retrato, genero de arte difficil e cheio de incognitas, no que se destacou, com merecidos louvores e excellentes recompensas.

O exito deste pintor começou na exposição de Brera, em 1922, com o quadro **Sorelline**, mas o seu nome avultou em Veneza, no anno de 1924, com as suas telas **Madre d'eroe** e **Collazione**. Na mencionada exposição internacional, a critica se ocupou extensa e favoravelmente de sua figura e, desde então, José Montanari é um dos artistas mais significativos.

COMO PENSAM OS ESTUDANTES BRASILEIROS

Afim de conhecer de perto o pensamento da mocidade das nossas escolas superiores, em relação ás suas convicções de ordem philosophica, social e politica, bem como á sua orientação scientifica, literaria e artistica, resolveu MOVIMENTO BRASILEIRO ouvir um certo numero de estudantes das diversas faculdades desta capital, em inquerito cujo valor não precisamos acentuar. Nada póde interessar mais de perto os homens de cultura, aos quaes se dirige especialmente esta revista, do que conhecer a formação espiritual dos nossos estudantes, em cujas intelligencias e sensibilidades confiamos todos para a obra de renovação do Brasil.

NOTAS SOBRE VACHEL LINDSAY

TEIXEIRA SOARES

Mais do que uma preocupação subalterna, um motivo de harmonia suburbana, uma questão de gozo esthetico, a poesia continúa a ser a voz da terra e do seu povo. Este é o caminho largo. Alguem disse que ella deve ter os logares communs da **Chicago Tribune**, mas, tambem, os factos relatados neste jornal e que materializam as aspirações raciaes, moraes e artisticas de um povo.

Os **Collected Poems** de Vachel Lindsay lembram varias coisas curiosas. Por exemplo: o problema esthetico do negro. Elle existe. Não ha duvida. Nos Estados Unidos e no Brasil. Sem duvida. Vachel Lindsay foi não só precursor, como fazedor dessa poesia negra norte-americana que encontra a sua plena consagração nos **mellows**, nos **blues**, nos **songs** e nos **spirituals**. Ora muito bem. No ultimo livro de Langston Hughes, poeta de cor de Nova York, **Fine Clothes to the Jew** (1927), encontram-se as vozes synopadas de todos os negros que trabalham, desde os **bell-boys**, as **cabaret girls**, até os estudantes das universidades do Sul, e ahi se vê que a alma do negro, no tumulto complexo da civilização norte-americana, continúa impermeavel a todas as pressões vindas do exterior. Ella continúa illegivel. Façam-no soffrer, persegam-no, combatam-no — porque o negro encontrará seu poder de synthese (Jacob Epstein não causou sensação em Londres apresentando o busto de uma senegaleza?) — uma vindicta a todas as torturas e perseguições. Assim o negro tem oportunidade de mostrar que não conseguiu ser totalmente dominado pelo nordico a 100% da K.K.K.. A impermeabilidade do negro á civilização occidental é coisa que, a todo o instante, apparece na poesia de Langston Hughes e de outros pretos. Tão intenso é o appello dessa poesia que, no scenario seculo XX, os norte-americanos sentiram necessidade de importar instrumentos barbares de corda da Zambesia, do Congo e do Sudão. Eis aqui um poema de Langston Hughes:

HEY!

Sun's a settin',
this is what I'm gonna sing.
Sun's a settin',
this is what I'm gonna sing.
I feels de blues a comin'
wonder what de blues'll bring?

Que importa que Langston Hughes fale, por exemplo, em Christo, se o observador percebe que nos seus poemas passam os lampejos de totens e tabús congoleses? Quantas vezes, nos rythmos bahianos, passam vozes bem africanas? Americo. Facó, de volta de

uma viagem ao Norte, teve occasião de assistir a uma testa negra na Bahia — **lo Rome noire**, como disse Paul Morand, no seu ultimo livro — em que, ao som de atabaques, eram entoados rythmos em puro idioma angolez. Os bongós, maracás, gúiras, zombombas, ukuleles e timbales falam, em resonancias ancestraes, tanto ao negro dos Estados Unidos, das Antilhas como do Brasil. Extranho que os poetas brasileiros não tenham procurado essa mina de ouro. Dos varios sentidos da terra brasileira, os nossos poetas estão tão longe como os radiolarios dos mammiferos.

Afinal, tanto para os Estados Unidos, como para o Brasil, em ultima analyse, em que se resume o problema negro? De que deriva essa impermeabilidade á civilização occidental, porque vive em estado de de passagem: quem pode dizer que conhece bem o negro entre nós? Conheceu-o bem Nina Rodrigues? Conheceu-o bem Mello Moraes? Conhece-o bem o Sr. Theodoro Sampaio? Incognita. O problema do negro continúa de pé. Sabe-se que o negro é impermeavel á civilização occidental, porqu evive em estado de magia. Magia latente, potencial ou effectiva. Que é magia? Ponham-se de lado definições. Deixe-se de lado a theoria de Frazer, que vê uma unidade basica na magia e na religião. Não se pense igualmente na opinião de Tylor, na sua "**Primitive Culture**". As associações mentaes dos negros são por demais complexas para caberem em meia duzia de linhas. Tal como em biologia, para usar de uma expressão de Huxley, o negro continúa no dominio da anthropologia e da religião a ser um "typo persistente". O estado de magia é um conjunto de vastas representações collectivas, e o negro, seja dos Estados Unidos, das Antilhas, do Brasil ou da Africa, continúa viver em um estado de mentalidade religiosa pre-logico, que para os brancos não passa de situação mental paralogistica. Que se tome a impressão mais epidermica: nesses poemas afro-norte-americanos tem-se a idéa de que são creanças que falam, e é facto corrente, para quem nunca sahio de Catumby, que a imaginação dos negros é muito semelhante á de uma creança occidental. A cultura religiosa do habitante do Benin, Dahomey, Lunda ou Bantu continúa a ser identicamente funcional á do negro das Antilhas, que pratica o vuduismo. Mesmo que se separe a magia da religião, como pretendia Durkheim, o problema continúa na mesma base. O problema, sob o ponto de vista americano, póde ser visto por muitos lados, mas continúa irreductivel a formulas.

Vachel Lindsay deve a motivos negros alguns dos seus mais bellos poemas, como o "**The Santa-Fé trail**" (a humoresque):

I asked the old negro: "What is that bird that sings so well?" He answered: "That is the Rachel-Jane". "Hasn't it another name — lark, or thrush, or the like?" "No. Jus' Rachel-Jane".

O Incidente entre a Bolívia e o Paraguay

A 6 do mez passado, foi a America surpreendida por uma noticia sensacional, que trazia a imminecia de uma guerra no continente, motivada pela velha contenda entre a Bolívia e o Paraguay, na disputa do territorio do Chaco Boreal. O commandante paraguayo do Forte Galpón, tenente Ortemoza, descobriu nas immedições do mesmo, a existencia de um fortim boliviano, em territorio que reputava paraguayo, o fortim "Vanguardia" e, sem mais difficuldade, ordenou o ataque á fortificação, que desmantelou, resultando da luta varias baixas bolivianas e a prisão de soldados e de dois officiaes daquelle paiz. O governo de La Paz considerou o incidente uma offensa aos seus brios e entregou a 8 do mesmo mez os passaportes ao encarregado de Negocios do Paraguay, sr. Elias Ayala, ficando assim rotas as relações entre os dois paizes, com a retirada de Assumpção do representante diplomatico da Bolívia. Seguiu-se um periodo de exaltação, houve ordens de mobilização e chegou a se falar abertamente em guerra, enquanto as chancellarias americanas começavam a se mover, procurando encaminhar o incidente para uma solução pacifica, no que não deixaram de encontrar resistencias, que foram afinal vencidas.

Antes de estudar essas gestões diplomaticas, vamos, para maior clareza, indicar rapidamente os antecedentes da questão. Em primeiro lugar, que é o Chaco? É uma região situada ao N. do Paraguay, entre os rios Pilcomayo e Paraguay e a cordilheira dos Chiriguanos. Trata-se de zona pantanosa e cheia de charcos, onde se encontram indios guaranys. A sua extensão, calculo mais de possibilidade do que geodesico, é de 300 mil k. q.. Quanto ás suas possibilidades económicas, as affirmações são desencontra-

das, chegando-se mesmo a affirmar que no seu subsolo ha petroleo. Mas, de facto, pouco se conhece de positivo, embora seja irrecusavel o seu valor, tanto que ha interesses argentinos investidos em explorações nessa região.

Mas, não é por essa potencialidade ainda adormecida que a Bolívia disputa o Chaco ao Paraguay. É em defesa do seu isolamento. Sem saída para o mar, todo o seu commercio se resente do onus formidavel do transporte, que consome talvez mais de metade dos lucros possiveis. Obtendo o Chaco, a Bolívia teria, em Bahía Negra, um escoadouro no rio Paraguay e resolveria assim o mais agudo dos seus problemas economicos. Essa disputa vem de longe. Nas vespéras da guerra do Pacifico, em 1879, foi concluido um accordo sobre a região, tratado Quijarro-Decoud, em que se fixavam as fronteiras entre os dois paizes "ao N. do territorio situado á direita do rio Paraguay, pelo paralelo que parte da desembocadura do rio Apa até encontrar o rio Pilcomayo." A Bolívia não quiz ratificar esse tratado e reclamou novas concessões até que, em 1886, se dispoz a aceitar-o, mas, então, foi o Paraguay que julgou o tratado caduco, mantendo-se assim aberto o litigio.

No anno seguinte, uma nova tentativa foi feita, embora ainda condemnada ao fracasso. Foi o tratado Tmoyo-Aceval, que reconhecia o dominio paraguayo até o forte Olimpo e o boliviano dahi até Bahía Negra, entregando-se ao Rei dos belgas o arbitramento da disputa na região entre Fortim Esteros, na margem do Pilcomayo, e o paralelo tomado defronte do rio Apa e corrido até o curso do Pilcomayo. Tentando o Paraguay se estender até a zona litigiosa, reconhecida pelo tratado, o mesmo ficou sem effeito, embora rati-

Nesse poema, o rythmo é poderosamente dynamic, como na extraordinaria "Trilogia de Booker Washington", que é uma das coisas mais impressionantes da moderna poesia norte-americana. Rhetorico, empolado, musculoso, aspero, *overintensified*, Vachel Lindsay, evidentemente, não pensou interpretar o problema, do ponto de vista esthetico. Apanhou aspectos do negro norte-americano, trasladou-os para alguns dos seus mais fortes poemas, abrindo caminhos novos na imaginação do leitor. Resolver o problema é tarefa

mais ingrata do que apresental-o, como fizeram Walter White, com o seu romance, "**The Fire in the Flint**", Waldo Frank, com "**Holiday**", Sherwood Anderson, com **Dark Laughter**, Eric Walrond, com **Tropic Death**, e Jean Toomer, com **Cane**. White, Walrond e Toomer são escriptores negros de talento e repercussão. Que entendidos se levantem, e sobre uma base totemica, edifiquem a interpretação do problema negro, religioso-esthetico, quanto á sua impermeabilidade, no Brasil, Antilhas e Estados Unidos.



Região do Chaco

ficado pela Bolivia. Em 1894, se firmava o tratado Ichazo-Benitez, também inconsequente. Este delimitava o territorio paraguayo ao S. da linha recta tirada desde a margem do rio Paraguay, 3 leguas acima do forte Olimpo, até o rio Pilcomayo, na intercessão dos 61°28' do meridiano de Greenwich, entre Fortin Linares e Antiguio Fortin. A zona boliviana seria ao N. dessa linha. Não foi ratificado.

Como sempre se estivessem dando incidentes mais ou menos desagradaveis na região, em 1907, chanceller da Argentina o sr. Zeballos, offereceu a mediação argentina e foi concluido um protocollo, Pinilla-Soler, em que se daria ao presidente da Argentina o arbitramento da zona litigiosa, assim delimitada: entre o paralelo 20° e 30' e uma linha que abrangesse ao N. o Paraguay, entre os meridianos 61°30' e 62° de Greenwich. Fracassou também esse protocollo e o Presidente argentino, Figueroa Alcorta, renunciou irrevogavelmente o encargo de arbitro. Em 1912 foi concluido novo accordo, pelos srs. Ricargo Mujia e Euzebio Ayala, compromettendo-se ambas as partes a resolverem directamente, ou por arbitramento o conflicto. Novo fracasso.

Em 1913 foi firmado outro protocollo, em que se estabelecia a solução por accordo directo e subsidiariamente pela arbitragem, mantendo-se a delimitação da área litigiosa, de accordo com o protocollo de 1907, o que foi renovado successivamente por protocolos de 1915, 1916, 1917 e 1918.

Por fim, em 1927, foi firmado novo protocollo em Buenos-Ayres sob mediação argentina, no qual se convencionava fixar preliminarmente o objecto da questão e, na impossibilidade de accordo directo, caracterizar a zona litigiosa, que seria sujeita á arbitramento. Foi nessa caracterização que o novo protocollo Diaz-León-Gutierrez teve a mesma sorte que os seus antecedentes, apesar dos esforços da chancelleria argentina em conciliar, não a disputa, porém os elementos do conflicto.

Em synthese foi esse o lado diplomatico da questão. Nunca tendo chegado a um estudo de *meritis*, não são bem conhecidos os fundamentos juridicos dos contendores. O Paraguay se firma no *uti possidetis* e a Bolivia nas cedulas da Real Audiencia de Charcas, portanto em direito historico, que tem aliás prevalecido em varios pleitos de limites na America.

Quando surgiu o conflicto, exactamente na hora da visita ao continente do presidente Hoover, houve uma primeira impressão de espanto. Washington não tomou nenhuma iniciativa e isso é perfeitamente explicavel. Já lhe bastam as accusações de imperialismo na America central e não viria se intrometter em litigio sul-americano, quando já falavam em interesses de companhias *yankees* nessa região, coisa sabidamente remota. O Itamaraty, considerando que o Brasil é lindeiro do Chaco, não deveria também ter iniciativas, tanto mais quanto estas cabiam a Buenos-Aires que, tendo sido mediadora, ou mesmo, ainda o sendo, pois as negociações de 1927 apenas foram dadas como interrompidas, estava naturalmente com a palavra. Mas, nisso, por força do tratado para evitar ou prevenir conflictos entre os Estados Americanos, firmado em Santiago do Chile, a 3 de Maio de 1923 (Convenção Gondra) a commissão permanente de Montevidéo, constituida por tres agentes diplomaticos americanos mais antigos (e são os ministros do Chile, do Mexico e de Cuba) se reuniu para receber das partes interessadas o pedido de convocação da commissão investigadora e participal-o immediatamente á outra parte. A Bolivia, porém, allegando que não tinha ratificado esse tratado recusou-se aceitar a mediação. No entretanto, houve uma notificação dessa ratificação, sem clausula condicional, tanto que o Brasil baixou um decreto publicando-a. Parece, porém, que o governo de La Paz não confiava muito na commissão e daí o seu gesto.

A Liga das Nações, de que as partes litigantes são membros, interveiu logo e commissionou o sr. Briand para tratar do caso e evitar a guerra. A sociedade de Genebra estava com uma missão difficil. Como poderia ella fazer uma acção diplomatica segura, sem poder se communicar com as chancellarias dos maiores paizes americanos, que não participam da companhia? Foi tão grande o embaraço, que Briand recorreu ao embaixador da Espanha em Paris, o sr. Quinónes de Lion, para discutir o caso, esperando naturalmente que a Espanha ainda tivesse uma influencia materna capaz de puxar as orelhas a esses meninos indisciplinados. Esquece-se Briand de que essa historia de passar por Madrid o meridiano hispano-americano já foi destruida, em Buenos Aires, e de que nós, americanos, podemos ter muita veneração pelos paizes ibericos, mas, em autoridade politica sobre o continente, é ridiculo falar.

A Academia e o monumento a Machado de Assis

Quando se cogitou de erigir um monumento a Machado de Assis, acreditaram todos que a Academia, hoje uma das mais ricas instituições do paiz, tomasse a si a gloria de realizar essa idéa, offerecendo ao Brasil a estatua do seu grande romancista. A Academia, todavia, se limitou a apoiar a idéa e abrir uma subscrição... Aliás, annos atraz, já perdera ensejo de glorificar da melhor fórma Machado de Assis, que teria sido adquirindo a casa, onde viveu e escreveu quasi toda a sua obra, nas Aguas Ferreas e na qual havia posto até uma placa, que Bilac inaugurou. No entretanto, apesar dos protestos, dos reclamos da imprensa, de tudo, a Academia millionaria deixou que se vendesse o predio, fosse destruido e reconstruido. Porque não se fez ali a Casa Machado de Assis? Seria esse um modo de perpetuar o culto do grande escritor, facilitar os estudos em torno da sua personalidade e da sua obra. Mas, a Academia estava preocupada em construir um predio para escritorios á rua Urugayana, que é coisa muito mais rendosa.

Agora, porém, veiu uma idéa ao "cenaculo" do Trianon, "le petit", idéa formidavel, idéa-mãe. Promover um curso de conferencias sobre Machado e incumbir o advogado Alfredo Pujol de realizal-as... Todos os que conhecem o primeiro livro desse "illustre causidico" sobre o nosso grande romancista, avaliam bém que alicerces a Academia quer dar ao monumento do seu fundador. Dentre em breve, a Academia va fazer o dia da "flor de louro", em beneficio da estatua, e veremos grupos de moças disputando do-

nativos aos transeuntes, para a Academia conseguir glorificar Machado de Assis. Já é sovínice. Uma Academia, que paga cem mil réis aos seus membros para as sessões e não sabemos quanto para as reuniões de commissões; uma Academia proprietaria e cheia de dinheiro, essa Academia que, exactamente porque dia a dia menos produz, deveria cultivar as glorias dos primeiros tempos, quando foi, de facto, uma expressão da intelligencia brasileira; essa Academia não pôde dispor de algumas dezenas de contos de réis, para erigir um monumento a Machado de Assis? Não somos contrarios á idéa de uma subscrição popular, julgamos até que assim o monumento representaria muito mais do que feito pela Academia apenas, mas, a extranheza está na attitude do grupo dos immortaes, defendendo, ali, o dinheiro, que o velho Alves ganhou:

O primeiro appello da Academia para a estatua foi mal correspondido. Não é que não seja immenso o prestigio de Machado, na alma brasileira, mas não se comprehende que uma Academia millionaria necessite de recorrer a esse processo para erigir um monumento. Evidentemente, que custaria a essa instituição, que capitaliza as suas rendas, subvenciona seus membros, reservar cem ou duzentos contos para a gloria de Machado? Isso é que ninguem comprehende, e, se explica, a explicação é de todo desfavoravel á Academia.

Mas, afinal de contas, que temos nós com isso? Venham as conferencias do sr. Pujol.

Foi quando, graças em grande parte á acção da chancellaria brasileira, se encontrou a formula para resolver o incidente. Entregar o seu estudo á Commissão de Conciliação e Arbitragem, ora reunida em Washington, o que foi aceito por ambos os paizes dissidentes e esperemos que encontrem um meio digno e honroso, capaz de harmonizar os interesses em litigio, evitando um conflicto armado neste continente, que vem dando ao mundo um exemplo constante de amor á paz e fidelidade ao direito.

A Conferencia de Conciliação e Arbitragem de Washington, depois de tomar conhecimento do caso, logrou uma solução que satisfez os paizes desavindos, propondo a assignatura de um protocollo, estabelecendo que os dois governos, do Paraguay e da Bolivia, concordarão na organização de uma commissão internacional americana, para investigar os incidentes do Chaco Boreal e determinar "qual das duas partes occasionou a modificação nas suas relações pacificas." Depois esforçar-se-ão para resolver o incidente amistosamente. Comtudo, se os esforços para a conciliação fo-

rem infructiferos, a commissão terá poderes "para estabelecer a verdade no assumpto investigado e as responsabilidades, a qual, de accordo com o Direito Internacional, deve apparecer em consequencia da investigação."

O protocollo em questão, determina ainda que a commissão será composta por dois delegados da Bolivia e dois do Paraguay, um da Argentina, um do Brasil, um do Uruguay, um de Cuba e um dos Estados Unidos. O Brasil, por ponderaveis razões arguidas em nota de nossa Chancellaria ao Embaixador americano, de 3 do corrente, desistiu da incumbencia, sendo substituido pela Colombia. Parece que tambem a Argentina declinou do convite.

O inquerito será feito com a audiencia das allegações de ambas as partes. O que occorreu não include nem affecta as questões territoriaes e de limites do Chaco Boreal, que serão resolvidos ulteriormente, na fórma que decidirem as partes litigantes, tratando-se, por agora, de resolver tão sómente o incidente ultimo, que não affecta, como vimos, o merito da questão.

Observações sobre música indígena

Luciano Gallet

UNIDADE DE FEITIO DO INDIGENA DA DESCOBERTA COM O ACTUAL

Para provar a unidade de feitio do indigena antigo e do recém-descoberto, é facil comparar factos identicos aproximando épocas anteriores ás actuaes. E desta aproximação resulta facilmente a conclusão de sua não influencia em nosso folklore actual.

Até hoje, existem ainda selvagens em pontos restrictos do Brasil, como na America do Norte. E se observa sempre o seguinte, mesmo nas explorações mais recentes: — ou elles estão em estado primitivo ao serem entrevistados, com todo o seu feitio e material barbaro; ou logo em seguida aceitam a civilização e se adaptam a ela e ás inovações consequentes. E nas anotações de feitio, usos, character ou folklore, existe tal semelhança, que parece até que o mesmo fio conductor une as explorações actuaes ás do inicio do século XVI.

E' o mesmo personagem que surge, d'aquella epoca á nossa. Em seguida desaparece dentro da civilização não deixando influencia propria; e nem tampouco entre eles se encontra adaptação alheia.

Mais claramente: O indio de 1500 conserva-se igual ao de ultimamente, e do mesmo geito, o que era deles antes do contacto com a civilização, não se mistura depois com o que é nosso; e nem entre eles, mesmo modernamente, se encontram influencias nossas anteriores.

Exemplifico a observação. Roquette Pinto anotou detalhadamente as explorações recentes dos indios Parecis, no seu livro "Rondonia". Naquella ocasião, século actual, e de volta de Europa, ao entrar em contacto com os Parecis, foi transportado em cheio para a epoca da pedra, em que surpreendeu aqueles indios. E conta um episodio altamente expressivo que determina o feitio e intelligencia deles, em tempos actuaes.

Um dos indios trazia nas mãos um machado de pedra, indice caracteristico das idades primitivas.

E como a expedição trazia na sua bagagem, utensilios um pouco mais modernos, Roquette mostrou ao indio um machado actual, com lamina de aço. A superioridade deste, foi demonstrada sobre um tronco de arvore. Não bastou. O indio quiz experimentar ele

O DESEJO DA DEMOCRACIA

E' do ultimo artigo politico de Ferdinando Laboriau, que deveria ser publicado no dia seguinte ao do seu tragico desaparecimento, o excerpto abaixo, cuja vibração revela bem o idealismo ardente que animava a sua campanha politica, logo consagrada pelo suffragio do povo desta capital, confiando-lhe um mandato, que o destino não lhe permittiu cumprir.

A revolta dos espiritos contra todos esses exploradores ha de triumphar seguramente, porque contra ella de nada podem valer as leis compressoras da liberdade e as policias, incapazes de abafarem uma idéa.

Essa idéa, que se alastra, é o desejo da democracia de verdade, contra a burla que aqui está dominando avassaladora.

Indagam alguns descrentes: Quando se fará essa mudança? Quando vencerá a democracia? Pelo Brasil afóra, quanto tempo não levará a se realizar esse saneamento politico?

Não importa essa duvida. Não importa, porque tudo está em começar. Também em França, em 1789, poucos, muito poucos, eram os que imaginavam devera ser tão rapidamente victoriosa a revolução democratica.

E' innegavel que o Brasil desperta. Já nos grandes centros a situação está bem definida. Mais depressa do que cuidam os defensores do "statu quo", ha de se alastrar o incendio dos espiritos, para varrer do poder, pela arma legal do voto, todos esses que da politica têm aqui feito uma méra industria".

mesmo, mas, feita a prova, não duvidou um instante; atirou longe o velho machado de pedra, cheio de desprezo por ele. E convicto de sua superioridade nova, desandou a caçar e a rir dos companheiros... que ainda usavam machado de pedra, ridiculo ao lado do machado de aço que ele possuia.

Falando da facil adaptação do indio, que abandonou a mesma, cerimonia e usos de tradição arraigada, Coelho Netto relata uma passagem significativa.

Em excursão pelo norte, Amazonas creio; em busca de dados para as suas obras, foi parar no meio de uma tribu recentemente descoberta, e que conservava ainda os seus caracteristicos proprios. Conseguiu fazer boa amizade com os indios, o que não era facil, pois eram meio ferozes. E pode assim observar seus usos.

Como fossem mais primitivos, mais interessante o que assistiu. Cantos, danças, cerimonia religiosas, tudo viu. E sempre notou o character proprio e inconfundivel que tinham as manifestações estéticas daqueles homens ainda selvagens.

Pensava demorar-se ali, e no momento não tomou apontamentos imediatos, pois não havia urgencia.

De imprevisto é forçado a partir, e teve que fazer-o sem os seus apontamentos. Porém não se preocupou calculando voltar dentro de dias.

Só poudo voltar alguns annos depois.

A mesma tribu ainda esta ali. Os indios eram os mesmos. Mas só. Todo o resto tinha mudado. Os nomes proprios, as armas, os cantos, as cerimoniaes, tudo diverso. O proprio espirito pagão daquela gente, tornara-se mystico. De tudo o que vira alguns annos antes, nada mais existia.

E' ainda em tempos actuaes, a constatação do mesmo facto observado acima, quando algumas dezenas de annos depois da descoberta, os indios ainda de pennas e listrados de urucú, já tinham trocado a musica propria primitiva pela religiosa-europea.

Nos relatos da missão Rondon e das missões Salesianas em Matto Grosso, encontram-se sempre factos desta ordem, que vêm provar a mesma facilidade de adaptação do indio; e o prompto abandono de formulas anteriores pelas recém-vindas.

A MUSICA ANTIGA E MODERNA

DÓS INDIOS

As mesmas constatações de similitude, e unidade de caracter primitivo, se confirmam nos temas musicas indigenas da epoca antiga e moderna, anotados no momento inicial da descoberta.

E é tal a igualdade de feitiço e sentimento, que se imagina até que os indios descobertos agora, conservaram religiosamente os caracteristicos de seus irmãos de 4 seculos atraz; o que vem isolal-os absolutamente de nossa musica brasileira contemporanea.

Para não alongar, citarei apenas que do confronto de um tema antigo (J. de Lerry, 1556) com um dagora (Roquette Pinto, 1900), a semelhança é flagrante.

E não se observa, nem de longe, ponto algum de contacto com a nossa musica brasileira.

Desconhecem-se entre si. E a proposito, convem lembrar um detalhe, que reputo importantissimo.

Atravez de audição rapida que tive, de alguns discos que Roquette Pinto recolheu, (Indios Parecis), observei que o processo musical do indio, afasta-se do nosso, europeu.

Nele é diferente:

1) A escala musical, que me pareceu formada por intervalos diversos dos nossos; quartos de tom, talvez.

O que é logico e facil de compreender, dada a sua existencia anterior a chegada do europeu, e independente portanto de processos civilizados, como a escala temperada.

Os mortos de 1928

Nascimento Gurgel, pediatra, prof. da Faculdade de Medicina do Rio.

A. Dias de Barros, medico, ex-deputado federal por Sergipe, prof. da Faculdade de Medicina do Rio.

Chrysolito de Gusmão, criminalista e juiz de direito.

Eurico Cruz, juiz de direito.

Esmeraldino Bandeira, criminalista, prof. da Faculdade de Direito do Rio, antigo deputado federal e Ministro da Justiça.

Olveira Lima, escritor, jornalista, historiador e diplomata.

Alfredo de Andrade, chimico, prof. da Faculdade de Medicina do Rio.

Guilherme Castro Rabello, pediatra, prof. da Faculdade de Medicina da Bahia.

Fernandes Figueira, pediatra, prof. da Faculdade de Medicina do Rio, autor de varias obras medicas e literarias.

Celso Guimarães, dczembargador, presidente da Côrte de Appellação.

Theophilo Torres, medico e higienista.

Moysés Marcondes, medico e escritor.

Barros Moreira, embaixador do Brasil em Bruxellas.

Bueno de Paiva, senador federal, ex-vice-presidente da Republica.

Bettencourt Filho, politico e director do Instituto de Artes e Officios do Rio de Janeiro.

Manoel Borba, ex-governador e ex-senador federal por Pernambuco.

P. José Manoel de Madureira, jesuita, philosopho e historiador.

Jackson de Figueiredo, escritor e jornalista.

Tobias Moscoso, engenheiro, prof. e vice-director da Escola Polytechnica do Rio.

Amaury de Medeiros, medico, deputado federal por Pernambuco.

Amoroso Costa, mathematico, professor da Escola Polytechnica do Rio.

Ferdinando Laboriau, engenheiro, professor da Escola Polytechnica do Rio, intendente municipal.

Paulo de Castro Maya, engenheiro, industrial e politico.

Frederico de Oliveira Coutinho, jornalista.

Roberto Drummond, aviador militar.

Pedro Paulo Beltrão, aviador naval.

José Marques Filho, aviador naval.

Mario Barbedo, aviador militar.

Guilherme de Castro Rabello, medico, professor da Faculdade de Medicina da Bahia.

Leopoldo Bulhões, industrial, antigo senador e duas vezes ministro da Fazenda.

Alfredo Pinto de Vasconcellos, almirante.

Ubaldo de Assis, deputado federal pela Bahia.

Moura Brasil, medico, oculista, fundador da Polyclinica do Rio de Janeiro.

- 2) Como consequencia, diversidade de sistema armonico. Ouvi cantos a varias vozes, contrapontados. Bem entendido, com meios que não se assemelham nem de longe ao que podemos imaginar.
- 3) Quadratura ritmica, sem relação alguma com a nossa.

Entretanto as anotações escritas dos temas Parecis, foram feitas dos discos, pelo nosso sistema europeu, o que falseia completamente todo o seu feitiço e estrutura.

E' mais um ponto de importancia maxima, que differencia o folklore musical indigena, do nosso actual.

E' de lamentar que os cuidados de conservação dos discos, em estado precario neste momento, não permitam estudos mais amplos a respeito; o que será de grande utilidade para a nossa orientação musical.

REPERTÓRIO



HOOVER NO BRASIL

A acolhida cordial com que o povo carioca recebeu o presidente Hoover é bem uma prova da sympathia que nutrimos para com os Estados Unidos, em cuja amizade fiamos, a despeito de certas animosidades que têm querido transpôr para aqui. Não só as demonstrações de bom affecto sempre recebidas, porem a animação norte-americana, que dá o rythmo moderno e livre á vida universal e que nos chega por uma infinidade de canaes, dentre os quaes tem relevo o cinema, tudo isso faz com que haja uma effectiva boa vontade brasileira com os Estados Unidos, facilitando a obra de approximação diplomatica.

A viagem do presidente Hoover, que veio cercada de um certo vago, falando-se mesmo numa feição nova á doutrina de Monroe, foi apenas o desejo de ter uma impressão directa do progresso e da civilização na America latina, ao mesmo tempo recolher elementos para um inquerito das suas possibilidades economicas, afim de promover e incentivar o intercambio mercantil no continente. O presidente é uma energia pratica e tranquilla. Elle não tem aquella agitação fremente de Roosevelt, que porejava enthusiasmos. Pelo seu rosto rosado, em que o riso parece sempre forçado, tem-se a impressão de um individuo preocupado e um pouco ausente. As suas palavras, no formalismo das recepções, são simples, procurando uma nota de "humour" que lhes quebre a rigidez. E' bem um quaker e um puritano.

Nos seus discursos, sobretudo no do Palacio do Cattete, o presidente Hoover mostrou a necessidade de intensificar os laços de amizade entre os dois paizes.

através do intercambio mercantil, "sangue vital da civilização moderna". E, insistiu na importancia da troca dos productos entre zonas diversas para suster o progresso e dar meios de vida a milhões de homens. Muita gente julgará que mais valeria dizer, num banquete, palavras de justiça e de idéal, o amor ao direito, á paz, á concordia e deixar, para as conferencias reservadas nas chancellarias, a parte prosaica. O presidente porém, falou claro e disse todo o seu sentimento. E' necessario o commercio e tambem se faz mistér que haja um intercambio continuo de "idéas scientificas, da experiencia no governo, do pensamento e da cultura intellectual" tornando mesmo esse contacto mais efficiente com a visita reciproca de professores e alumnos. Mas o sr. Hoover acredita que ainda estamos empenhados numa civilização material e a nossa senha é construir. A America não é uma força que irradia, é uma força que se prepara. A America ainda é o futuro.

Que impressão levou o presidente do Brasil? Aqui, elle não soffreu certos vexames por que passou em Buenos Aires, onde a multidão que o recebeu, por curiosidade, se limitou a acclamar Irigoyen e houve até começos de hostilidades e demonstrações a Sandino. A constante irritação espanhola chegou até o Prata, tendo alguns jornacs argentinos tido uma certa impertinencia com o presidente e seu paiz. Em Santiago, a sua recepção foi fria e em Montevidéo o ambiente andou sempre pesado. Aqui, o brasileiro o recebeu com a hospitalidade da nossa gente. Póde ser que não tivesse havido grandes massas, mas nós somos cerimoniaes e acanhados. Certamente o sr. Hoover teve quem lhe dissesse a nossa psychologia. Saiu contente do Brasil, "este paiz onde só ha amigos", e que "sabe, como poucos o sabem, interpretar o encanto e a gentileza dos deveres de amizade".

Mas, nós temos uma questão com o presidente Hoover. E' o café. Elle acha

que, sendo o café um producto essencial ao almoço americano, é preciso evitar o seu encarecimento. Por isso, desaconselhou á Wall Street fazer o emprestimo de valorização, assim fracassado. Como os Estados Unidos são os maiores consumidores do nosso café, ficou o temor de crise na economia brasileira, pela baixa do café. Não vamos discutir aqui a questão, mas o presidente está com o ponto-de-vista certo do seu paiz e nós estamos errados, na persistencia de uma valorização artificial, que deixa, neste momento, encalhadas nos armazens de retenção brasileiros, cerca de 20 milhões de saccas. No entanto, como Hoover teve a mesma politica defensiva com a borracha ingleza, incentivou a sua plantação no Brasil e dahi a vinda de Ford para a Amazonia, o que pode vir a ser uma ressurreição da economia do norte brasileiro.

A viagem do presidente foi denominada de "viagem de boa vontade" e queira Deus contribua para tornar mais efficaz a obra pan-americana, a que o Brasil tem dado a mais leal das suas collaborações. Confiemos que, na amizade das duas maiores republicas americanas, se consolide toda a paz e se desenvolva a mutua cooperação entre as nações deste continente.

BI-CENTENARIO DE LESSING

A 20 do corrente, celebra-se o bi-centenario do nascimento de Lessing, ocorrido na pequena cidade saxonica de Klopstock, Wieland, Winckelmann, Mendelssohn, Nicolai, toda a extraordinaria floração germanica do seculo XVIII, foi Lessing, pelo fulgor do seu espirito, como pela violencia da sua acção e pela força da sua critica, uma das figuras mais extraordinarias do seu tempo. As Cartas sobre as letras allemãs foram criticas audaciosas, na justeza do conceito, veemencia do ataque, ou mordacidade da critica, a que não escaparam

nem Klopstock, nem Wieland. Dramaturgo, crítico, theologo, a actividade de Lessing foi espantosa. Os seus dramas **Minna de Barnhelm**, ou **Nathan, o sabio**, lhe valeram grande renome, mas as **Cartas** foram os documentos mais intensos da sua actuação intellectual. Escreveu o celebre **Lacoon, limites da pintura e da poesia**, em que se afasta da opinião de Winckelmann, sobre o grito de Lacoon e afirma que o heroe grita, embora o artista, para não prejudicar a serenidade e belleza do conjuncto, tivesse mudado o grito em suspiro. Consagrando-se tambem á theologia, Lessing escreveu **Fragmento de um anonymo**, depois, em defesa desse, **Anti-Goeze** e, por fim, **Educação do genero humano**.

Lessing foi sobretudo um grande reformador dos conceitos de arte e poesia e a sua obra, que Herder continuou com genio, "fundou a independencia racional das artes." Nesse fecundo seculo XVIII, na Allemanha, foi uma força de libertação e avanço, um grande moderno no seu tempo.

SIGRID UNDSSET

O premio Nobel de literatura de 1928 foi concedido á escritora norueguesa Sigrid Undset, cujos meritos de romancista de ha varios annos a tornaram uma das candidatas mais provaveis áquelle premio, com o qual a consagrou agora a Academia Scandinava. Della, escreveu Victor Vinde — "é, para nós, a interprete da mulher, a mulher cujo aspecto procuramos incessantemente e em vão, mudando sempre na realidade e na literatura, cuja vida sentimental nos apparece ás vezes tão complexa, outras tão vasia: todo esse mecanismo maravilhoso de criação, que traz o nome de mulher, é, por Undset, uma coisa simples, real, comprehensivel e palpavel."

A obra de Sigrid Undset ainda é pouco conhecida, pois dos seus livros apenas um — **A idade feliz** — está traduzido para o francez (Ed. Kra) afora, naturalmente, novellas e contos. Podemos dividil-a em dois cyclos: **Romances e Novellas Contemporaneas**, compreendendo: **Martha Oville** (1907), **A idade feliz** (1908), **Jenny** (1911), **Pobres sêres** (1912), **A Primavera** (1914), **O brilho do Espelho Encantado** (1917), **As virgens sabias** (1918), **Nuvens primaveris** (1921); e **Christiane Levansdatter**, compreendendo: **A lenda de Vija-Ljot e Vigdis** (1909), **A lenda do Rei Artur e dos Cavalleiros da Tavola Redonda** (1915) e **A lenda de S. Halvard** (1920).

OS ESTADISTAS DA GUERRA

O livro do Sr. William Martin (**The States men of the war in retrospect, 1918-1928**, by William Martin. New York, Minton, Balch and Company.

London, Farrols and C^o.) é um dos estudos mais interessantes na immensa literatura da guerra. Elle não faz uma serie de biographias, não é tampouco uma historia da função dos estadistas da guerra, mas, como diz o Autor, "explica os acontecimentos pelo caracter dos que nelles intervieram, e o caracter dos estadistas pelos acontecimentos de que participaram", o que, ajunta, "é talvez um jogo de espirito, mas jogo que não é destituído nem de interesse, nem de utilidade para a historia e a psychologia". São dignos de relevo os seus retratos do Conde de Tisza, que foi um dos que provocaram a guerra e morreu revoltando contra ella; do Cardial Mercier, abandonando a meditação theologica, em que consumiu a vida, para protestar contra o esbulho do direito pela força; de Clemenceau, cujo pessimismo se transformou em fé; de Wilson, para cuja obra tem os mais exaltados entusiasmos.

Trabalho de larga documentação e, sobretudo, intensamente vivido por um jornalista que fez profissão na guerra, o livro do sr. W. Martin offerece um interesse invulgar.

O ORÇAMENTO DE 1929

E' o seguinte o resumo dos orçamentos, para vigorar este anno. Por elles se verifica um saldo de 93.399:161\$676.

Despeza:

Interior, 122:541\$600, ouro; 143.758:270\$895, papel; **Exterior**, 6.013:341\$957, ouro; 4.021:082\$000, papel; **Marinha**, 1.450:000\$000, ouro; .. 149.019:893\$920, papel; **Guerra**, 200:000\$000, ouro; 275.227:421\$199, papel; **Agricultura**, 771:032\$933, ouro; 73.378:456\$500, papel; **Viação**, 13.547:422\$720, ouro; 490.216:211\$208, papel; **Fazenda**, 112.431:458\$495, ouro; 367.324:933\$483, papel; total, ... 134.535:797\$705, ouro; 1.502.946:269\$205, papel.

Recetta — 187.897:000\$000, ouro; 1.352.644:820\$000, papel.

Saldo — 53.361:202\$295, ouro; "Deficit" — 150.301:449\$205, papel.

Convertido o saldo ouro ao cambio de 4\$567, na importancia de 243.700:610\$881, e delle subtrahindo o "deficit", papel, de 150.301:449\$205, resulta um **saldo real, papel, de .. 93.399:161\$676.**

BERGSON, PREMIO NOBEL DE LITERATURA

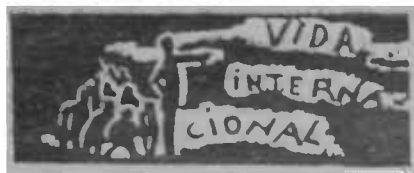
Já noticiamos que a Academia sueca concedeu a Bergson o premio Nobel de literatura de 1927. Louis-Henri Bergson nasceu a 18 de Outubro de 1859, em Paris. Discipulo do Lycée Condorcet e da Escola Normal superior, foi **agrégé** de philosophia e doutor em letras. Professor de philosophia no Lycée d'Angers (1881-83), no Lycée Clermont, **chargé de conférences** na Faculdade, professor

do Collegio Rollin, do Lycée Henri IV, **maitre de conferences** na Escola Normal superior, professor do Collegio de França, em 1900. Entrou em 1901, para a Academia de Sciencias Moraes e Politicas e, em 1914, para a Academia Francaza. As suas obras principaes são: **Essai sur les données immédiates de la conscience** (1889), **Matière et Mémoire** (1896), **Le Rire** (1900), **Evolution créatrice** (1907), **Energie spirituelle** (1919), **Durée et simultanéité** (1922), além de artigos e ensaios em varias revistas e jornaes, especialmente de philosophia.

Vamos dar, a seguir, os nomes dos titulares do premio Nobel, de literatura, desde a sua origem: 1901, Sully Prudhomme (França) — 1902, Mommsen (Allemanha) — 1903, Bjoernson (Noruega) — 1904, Mistral (França) e Echegaray (Espanha) — 1905, Sienkiewicz (Polonia) — 1906, Carducci (Italia) — 1907, Kipling (Inglaterra) — 1908, Rudolf Eucken (Allemanha) — 1909, Selma Lagerloef (Suecia) — 1910, Heyse (Allemanha) — 1911, Maeterlinck (Belgica) — 1912, Hauptmann (Allemanha) — 1913, Tagore (India) — em 1914 e 1915 o premio ficou reservado — 1916, Romain Rolland (França) e Heidentam (Suecia), tendo cada um o premio inteiro. — 1917, Djellerup (Dinamarca) e Pontoppidan (Dinamarca). — Em 1918 o premio ficou reservado — 1919, Spitteler (Suissa) — 1920, Humsum (Noruega) — 1921, Anatole France (França) — 1922, Benavente (Espanha) — 1923, Yeats (Inglaterra) — 1924, Reymond (Polonia) — 1925, premio reservado — 1926, Bernard Shaw (Inglaterra) — 1926, Grazia Deledda (Italia) — 1927, Henri Bergson (França) e 1928, Sigrid Undset (Noruega).

O DECANO DOS MATHEMATICOS ALLEMÃES

E' o dr. Moritz Pasch, da Universidade de Giessen, onde foi commemorado agora o seu 85^o anniversario. Discipulo de Wierstrass e de Kronecker, estreou o dr. Pasch em 1882, publicando **Lições de Geometria moderna**, que chamou logo a attenção do mundo scientifico para a sua personalidade de mathematico. Depois publicou **Os Fundamentos da Analyse** (1909), **Variavel e Função** (1914) e **A Mathematica na sua origem** (1927). O dr. Pasch, acompanhando o espirito moderno mathematico, é dos que professam que essa sciencia é de uma exactidão relativa, como todas as coisas humanas e suas formulas e axiomas são sempre suceptiveis de modificações com o progresso scientifico. Só os professores de mathematica elemental dos collegios é que acreditam estar com a verdade no bojo dos seus compendios...



AS GALERAS DE CALIGULA

Mussolini assistiu pessoalmente o inicio do funcionamento das bombas electricas que vão seccar o lago Nemi, para descobrir as galeras de Caligula. Para se avaliar a significação dessa obra, basta lembrar que as bombas devem aspirar 31 milhões de metros cubicos, restando, apenas, terminado o immenso esforço, 7 milhões de metros cubicos, na bahia, cuja superficie se terá reduzido de 1.719 milhões de metros quadrados a 908 mil metros quadrados, conquistando-se assim 811 mil metros quadrados ao lago. Além disso, á medida que as aguas forem baixando, as pesquisas archeologicas se irão intensificando, pois contam-se fazer numerosas descobertas. Depois, será preciso encontrar varios fragmentos, que se têm destruido das galeras e, por fim, transportal-as e limpal-as. Dadas as dimensões dessas embarcações, uma das quaes mede 71 metros de comprido por 25 de largo, vê-se que a empresa não é de todo simples. De tal sorte a mecânica se torna um auxiliar poderoso para a archeologia.

JARDINS DE CRIANÇAS

O Dr. Le Mée acaba de lançar, em Paris, uma idéa que seria admiravel para o Rio, onde a iniciativa privada, ou a Prefeitura deviam tomar a seu cargo a realização, já executada em Amsterdam, com grande exito. Trata-se de criar, nos diversos bairros, jardins de recreio para as crianças, onde seria prohibida a entrada de adultos. Quando os paes partissem para o serviço, deixariam ali os filhos, sob a vigilancia de professoras e enfermeiras que, numa disciplina sem constrangimentos, fariam empregar essas horas em exercicios, gymnastica, jogos e outras diversões proveitosas. Aos debeis seria dado um tratamento especial, que lhes favorecesse a solução do problema organico, que a vida descuidada, especialmente nas classes pobres, longe do carinho das mães nas horas de trabalho, agrava irremediavelmente.

Não é preciso salientar o alcance social da idéa, que ora apresentamos, ao lado das vantagens hygienicas e pedagogicas. Entre nós, onde se avoluma dia por dia, a campanha em favor da infancia, a idéa estará destinada a fructificar e a instrucção municipal, que, sob a direcção do professor Fernando de Azevedo, se moderniza, bem poderia aco-

ptal-a para complemento da sua excelente obra reformadora, que já nos deu a escola activa.

O SEGURO CONTRA A DOENÇA NA ALLEMANHA

Sobre o assumpto, estudado no ponto de vista da hygiene social, o Dr. Franz Goldmann, conselheiro de hygiene publica de Berlim, e o Dr. Alfred Grotjahn, professor de hygiene social na universidade da mesma cidade, acabam de publicar um interessante estudo, feito sob o patrocínio do "Bureau International du Travail", em que mostra o desenvolvimento do seguro contra a molestia nos ultimos 40 annos na Allemanha. Na Introducção vem um summario do mecanismo do seguro e o seu rapido progresso depois da guerra. Depois descreve a contribuição indirecta desse seguro na hygiene social. Os principaes auxilios: tratamento medico, cuidados dentarios, assistência pharmaceutica, hospitalização, prophylaxia são examinados pelo duplo aspecto: cura e prevenção. O outro capitulo é consagrado ao estudo da colaboração, em materia preventiva, entre os diversos ramos do seguro social e os organismos da hygiene social, examinados os dados do problema e as soluções realizadas.

O progresso desse seguro contra a doença é por tal forma importante na Allemanha, que o B. I. T. de Genebra entendeu de entregar esse trabalho a dois illustres especialistas, para favorecer a sua divulgação entre todos os paizes, que devem estudar detidamente o problema, em beneficio da hygiene social.

A SEMANA DE 5 DIAS DE TRABALHO NOS EE. UNIDOS

Os operarios norte-americanos continuam a sua campanha em favor da semana de trabalho de 5 dias e a sua Federação se esforça para realizar essa grande reforma industrial moderna. Alegam a necessidade de reduzir o trabalho em medida correspondente ao desenvolvimento da produção, resultante do emprego de machinas automaticas. O sr. Morison, secretario da Federação Americana do Trabalho, assim se manifestou em discurso recente: "Os que acreditam que prolongar a duração do trabalho e baixar os salarios sejam remedios para os males da nossa industria, pensam viver ainda no seculo XVI, numa epoca, em que, trabalhando da madrugada até de noite, a humanidade não chegava a produzir o necessario para a sua alimentação e para prover as necessidades primordiales. Hoje, o problema se colloca exactamente em sentido inverso. Devemos encontrar um meio de

escoar a nossa formidavel produção. As fabricas de calçados dos E.E. Unidos collocam nos mercados, por anno, 730 milhões de pares de calçados e nós não absorvemos mais de 330 milhões. A exportação não é um meio de sair dessa difficuldade. Mesmo paizes, como a Argentina e o Mexico, onde muita gente anda de pé no chão, exportam e nos fazem concorrência. A mesma situação se reproduz em numerosas industrias; A industria americana poderia adoptar desde o dia de amanhã a semana de 5 dias sem que o paiz perdesse um centimo. Numerosos industriaes já reconhecem que não vale a pena movimentar as suas fabricas, para algumas horas da manhã, no sabbado."

AINDA HA ESCRAVOS

O Governo de Sarawak acaba de publicar um decreto abolindo de vez a escravidão, pois embora extincta ha annos, ainda havia em certos districtos individuos que invocavam um direito de propriedade sobre pessoas que viviam voluntariamente (?) em servidão. Agora, a lei de Sarawak acabou com o sophisma e determinou que os infractores da lei sejam punidos com prisão de 5 annos, ou multa de mil dollares, ou as duas em conjunto. Prohibe tambem o decreto o emprego da expressão aviltante de escravo e estipula que nenhuma das clausulas deve ser interpretada como se referindo ao trabalho sob contracto (induntered labour), sob qualquer fórmula possível.

No Sudão, se a abolição ainda não é completa, ha uma aceleração extraordinaria do movimento libertador, sobretudo no Kordofan meridional. O governo local procura sobretudo, punir o trafico, que se faz nos limites com a Ethiopia, embora reconheça a extrema difficuldade de que existe em exercer uma acção severa sobre chefes poderosos e independentes, que se estabelecerem, na fronteira, em territorio ethiopo, e que são os principaes responsaveis do trafico de escravos, principalmente na raça Berta.



OS NOVOS DA BAHIA

Por toda parte o modernismo se apossa da intelligencia brasileira e a liberta. Os escritores e artistas novos, que surgem cada dia, cheios de mocidade e de

alegria, fortes, joviaes, brasileiros, nos enchem de confiança nesta terra, que a imitação estrangeira tentou deformar. Nenhum d'elles se preoccupa com a Grecia, nem com as cathedraes gothicas, nem com os amores de Camões. Elles querem saber do Brasil, dos nossos mattos e dos nossos sóes, da nossa gente que se fórma, dos seus cantos e das suas lendas, das suas vidas, das suas esperanças e das suas dôres. A fascinação os atordôa, para a obra de criação fecunda. O sr. Coelho Netto é o "ultimo dos hellenos" e está recolhido ao museu da Academia.

Os moços do Rio Grande, do Ceará, o grupo Verde de Cataguazes, os da Bahia, para não falar nos de S. Paulo e do Rio, são a intelligencia valorosa do Brasil. Ainda agora, apparece na Bahia, centro de tradicionalismo impertinente, terra do latim, da grammatica e do prof. Carneiro Ribeiro, apparece ali, bem no foco passadista, um grupo de jovens poetas desabusados e se inscrevem entre os reformadores modernistas. Já falamos de Eugenio Gomes, Godofredo Filho, Herman Lima, Rafael Barbosa. Ao seu lado, Carvalho Filho, que acaba de publicar um livro de emoção nova — Rondas —, cheio de lirismo e inquietação, Pinheiro de Lemos, Rumayana de Chevalier, Pinto de Aguiar, Helio Simões, De Cavalcanti Freitas, Jonathas Milhomens, Eurico Alves, José Queiroz Junior, todos com meros de vinte annos, que se lançam á luta, com uma revista curiosissima Arco & Flexa, e promettendo livros. Apresentou a nova publicação o sr. Carlos Chiacchio, cujo entusiasmo pelo modernismo temos alegria de proclamar. Desse manifesto, devemos acentuar as suas idéas por uma cultura universalista, sem perder o contacto da terra, pela distincção entre as tradições falsas e as dynamicas, que orientam o modernismo, e pela guerra ao primitivismo incompreensível. Certo, ha reparos a fazer no desenvolvimento de algumas tendências, mas, em essencia, elles estão justos, porque estão com o Brasil e confiam no futuro.

IMMIGRAÇÃO JAPONEZA

Ha alguns annos, o professor Miguel Couto, na Academia de Medicina, denunciou o perigo da immigração japoneza, pondo em relevo todo o damno que nos poderá causar e pedindo ao governo medidas de defesa social, no attinente a tão grave problema de natureza ethnica. Como era de esperar a sua palavra se perdeu e vemos que existe agora uma grande actividade japoneza, afim de orientar para o nosso paiz as suas levas de emigrantes. No Orçamento do Interior do Japão, deste anno, foi approved um

credito de 4.800.000 de yens para permittir a saída de 24.000 emigrantes. E' preciso notar, que essa verba, no Orçamento de 1928, era de 1.700.000 yens, para promover a emigração de 7.000 japonezes. A Federação das sociedades de emigração japoneza resolveu comprar 73.500 alqueires de terra no Brasil, para installar os seus emigrantes, dizendo-se que ainda este mez devem chegar 400 familias de nippons.

O problema de immigração é, no Brasil, daquelles que os governos deveriam inscrever entre os de maior realce e não deixar desamparado, como actualmente, em que se espera por uma immigração expontanea e se deixa que venham para cá individuos de qualquer nacionalidade, localizando-se onde melhor entenderem, sem que a lei brasileira tome medidas preventivas e defensivas que, talvez amanhã, sejam tarde demais, ou, pelo menos, apresentem a sua solução extremamente embaraçosa. O exemplo dos Estados Unidos não deve ser sem ensinamentos para nós.



COMO BERNARD SHAW ENCARA O MUNDO MODERNO

Bernard Shaw não é só uma das admirações modernas, é uma fascinação. A sua arte penetrante e rara, o seu pensamento de tons paradoxaes, o seu "humour" perverso, as suas attitudes ás vezes theatraes, tudo isso, animado por uma enorme força de intelligencia, que o torna um dos engenhos mais significativos no mundo contemporaneo, faz de Bernard Shaw, dos seus trabalhos, idéas e opiniões uma preocupação constante e inevitável. Agora, o sr. Siegfried Trebitsch conseguiu entrevistar o autor de "Santa Joanna" e publicou em "Commoedia" as impressões do mestre ou, como diz, o seu verdadeiro pensamento sobre o mundo actual. O jornalista conversou com Shaw sobre muita coisa, a Inglaterra depois da guerra, a Anschluss, os ditadores, o bolschevismo, o feminismo, a sua obra, os seus triunfos e, tambem, a sua viagem, sempre falada e que nunca se realizará, á America. Vamos dar, por impossivel de transcrever a in-

tegra da entrevista, um rapido resumo, em que as idéas de Shaw serão synthetizadas, quasi telegraphicamente, mesmo por ser esse o meio de melhor guardar a fidelidade em elemento tão subtil, como o pensamento do grande irlandez.

Elle disse que a Inglaterra, como os outros belligerantes da grande guerra, descobriu quanto tinha ficado selvagem debaixo das pretensões de civilização; que é melhor pensar nos Estados Unidos da Europa, do que nos do mundo inteiro, como visa Genebra; que é natural a fusão austro-allema, porque o que Deus reuniu o homem não deve separar. Falou sobre as dictaduras, que dependem das circunstancias, e justificou Mussolini, na desordem italiana, em que teve de intervir, pois, nesse caso, a ditadura é uma necessidade, questão de vida ou morte para a nação, o que, aliás, não significa que outros paizes, a Inglaterra ou a Allemanha, por exemplo, tenham necessidade da ditadura, que deve ser um expediente momentaneo "destinado a fazer face a uma situação geralmente criada pela ignorancia, corrupção e oportunismo de vistas curtas do governo popular." O futuro da Russia, affirmou Shaw que será o bolschevismo, porque elle ensina aos meninos a honestidade commum, enquanto os estados capitalistas lhes ensinam ficar ricos a todo transe; o bolschevismo, ajuntou, não veio do communismo de Tolstoi, mas do modo por que Marx encarou e fixou o problema do capitalismo. Falou tambem das mulheres. A guerra ensinou os homens a viverem á custa das mulheres e deu a estas a possibilidade da independencia economica e tambem a possibilidade da dependencia economica dos homens que se inclinaram a se fazer "manter" de fórma por que nunca fizeram as mulheres. Não teve reservas em dizer que o estado do theatro inglez actual é detestável e os autores são como homens que quizessem vender oculos a um cego. Indagou-lhe Trebitsch se acreditava que pudesse ultrapassar a sua "Joanna d'Arc". Respondeu que não era um santo e portanto não rivaliza com ella. Arrancou-a apenas para a scena, resta saber se alguma mulher moderna póde suprala e não faltam occasiões. Trebitsch quiz saber ainda que acolhimento esperava receber seu novo livro na Allemanha e replicou que isso de conjecturas é para os preguiçosos e elle mal acabava uma obra começava outra. Sobre a sua provavel e falada viagem á America disse que, ha

CABELLEIREIRO VICENTE — Ondulação — Côte de cabelo

GEORGETTE — manicura.

Serviço a domicilio a seis mil réis.

Tel. Ipanema 1243

40 annos, que não faz outra coisa senão desmentir esse boato. Não virá á America. Tem organizado viagens, offerecido-lhe hospedagem, combinado reuniões monstros para elle. E farão isso até a sua morte, depois do que, esperarão ainda, em sessões espiritas, que appareça. Possivelmente com o mesmo resultado negativo. Não, não virá á America.

MODERNISMO E BOLSCHEVISMO

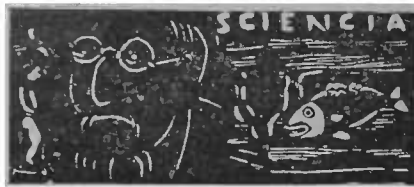
W. Deonna, um dos mais illustres hellenistas contemporaneos, autor do tratado em 4 volumes: *L'Archeologia, sa valeur, ses méthodes*, e de varios outros trabalhos de grande merito, commentando o inquerito que fez o sr. Al. de Seuger, sobre as directivas da architectura molernista, de que são paladinos, na França, Le Corbusier e Jaenneret, julga que entre as novas doutrinas de arte, que reclamam o espirito geometrico e faz dos utensilios machinas (casa é machina para morar, cadeira é machina para sentar), e o bolschevismo ha uma ligação intima e interdependente. E conclue:— "qualquer que seja a verdade a esse respeito, essa escola esthetica e architectural é bem característica de uma das fórmulas com que sonha o espirito anarchista"

O illustre estheta não erra, é certo, quando diz que a arte moderna reflecte o mal-estar dos tempos presentes, uma vez que assim considere o ambiente contemporaneo, mas isso é da propria função da arte, registando apogeus ou decadencias. A arte vive o seu tempo e nada mais. A eternidade, aquillo que concebemos como eterno, é apenas o resultado da sua projecção sobre o futuro.

A arte moderna não é um phenomeno bolshevista. Ao contrario, ella penetrou na Russia vinda do occidente e, na Italia, se fez facismo, permanecendo futurista, como na França é livre e, na Alle-

manha, reflecte, com o expressionismo, as angustias da derrota. Claudel é catholico. A razão profunda do bolschevismo, que é uma transposição economica, influirá, é certo, na arte russa, mas não terá determinações sobre as demais artes, em outros meios e condições diversas. A musica russa, que foi o grande fermento de todo o modernismo, veio da Russia tzarista e foi essa a suprema influencia russa sobre a arte contemporanea.

Portanto, não pódem proceder as affirmativas que confundem a arte moderna, visando a sensibilidade do homem actual, com as orientações politico-sociaes, que e degladiam por este mundo afóra.



UMA GRANDE DESCOBERTA

Foi o correspondente do *Daily News*, em West-Hartlepool, quem annunciou a descoberta do joven engenheiro R. H. Tate, a cuja demonstração assistiu e assim refere: uma placa de um metal até agora desconhecido e parecido com o aluminio, sobre a qual se colloca uma outra placa do mesmo metal, fica suspensa no ar. O sr. Tate informa: "O que consegui fazer foi eliminar a força de gravidade e não isolar. Na realidade descobri uma nova força, tirada das conhecidas e que elimina o peso. O metal utilizado era desconhecido e fui eu quem o fabricou. Sou o unico a conhecer o segredo, aliás extraordinariamente simples. Não posso patentear a invenção, pois precisaria desvendar o meu segredo." Um dos principaes empregados technicos da direcção da gran-

de usina de producto schimicos, no laboratorio em que Tate trabalha, disse: "Se é verdade o que affirma, será a maior descoberta scientifica dos ultimos trezentos annos."

UM OUTRO GLOZEL?

Foi encontrado um ossario prehistorico em Romieu e logo o prof. Deperet, da Faculdade de Lyon e figura proeminente nas discussões glozelianas, e cuja opinião a esse proposito já publicamos, foi ao local, determinando excavações durante quatro dias entre 3 e 4 metros de profundidade. Foram encontrados ossos de mastodontes, rhinocerontes, castores, crocodillos, tartarugas, suinos e dois pequenos felinos. Tiveram os pesquisadores a felicidade de encontrar um dente de um antepassado do cavallo, o *enchithérium*, que, nesses tempos idos, vivia principalmente na America e do qual, na França, só se tinham encontrado vestigios em Orléanais.

A RACHIANESTHESIA

Assim a explica Pierre Chanleine:

"Ha cerca de 60 annos, um cirurgião americano operou pela primeira vez um individuo, previamente adormecido por vapores de ether. Depois, um inglez, Simpson, substituiu o chloroforme, preparado por Soubeyran. Mas fez-se melhor.

"Sabe-se que da medula emergem os nervos da sensação e do movimento. A medula e a raiz desses nervos se banham com o liquido cephalo-rachidiano. Substituindo uma parte desse liquido, tirado por punção entre as vertebraes lombares, por uma solução anestésica, obtense a anesthesia completa da parte do corpo situada em baixo do ponto da injeccção.

"E' a rachianesthesia."

Ultimamente, no Cosgresso de Cirurgia, foi apresentado um relatorio, em que

MOBILIAS "MAPPIN"

para Bungalows e Apartamentos

APRESENTAÇÃO DE MODELOS NOVOS

em aposentos especialmente decorados

MAPPIN STORES

RUA SENADOR VERGUEIRO N. 147

figuram as opiniões de numerosíssimos cirurgiões do mundo, favoráveis á rachianesthesia, tendo sido as suas conclusões relatadas pelo prof. Forgue, da Faculdade de Montpellier, e pelo prof. Basset. A rachianesthesia, porém, não pôde ser praticada nas operações em partes do corpo situadas acima do diaphragma.

O HOMEM QUE SE OPEROU A SI MESMO

Foi o dr. Meal, de Hollywood, que se operou a si mesmo, de appendicite. De ha muito esse cirurgião pretendia provar que os efeitos da anesthesia geral não são mais funestos do que os da propria operação. Atacado agora de uma crise de appendicite, resolveu fazer nelle mesmo a operação. Empregou um anestesico local e cercado de collegas, que interviriam em caso de urgente necessidade, apoiado em almofadas, de sorte a ter livre o busto, o dr. Meal fez com a sua costumada habilidade toda a operação, tendo os collegas intervido apenas um momento, para supprimir uma adherencia. Finda a operação, que correu com absoluta felicidade, o dr. Meal procurou fixar todas as impressões que lhe ficaram desses instantes de extraordinaria intensidade.

Este caso, aliás, não é o primeiro e, em 1911, o cirurgião Alexandre Fzaicou, tambem se operou a si proprio, de uma hernia.

PARA EXTINGUIR O CANCER

Um lavrador inglez de Manningtree observou que os vegetaes cancerosos têm um defeito qualquer, que lhes impede a respiração, de sorte que não absorvem o oxygenio e o anhydrido carbonico diminue. Logo que o vegetal se cobre de folhas novas, o tumor canceroso diminue e chega a desaparecer. Assim os seres humanos. Adquirem o cancer pela alimentação com oxygenio insufficiente. De sorte que o remedio estará na cultura do solo, de sorte a arejal-o bastante. O sabio agricultor affirma que esse é o unico remedio e uma vez applicada em duas gerações não haverá mais cancerosos.



UMA ENTREVISTA DE STRAVINSKY

Stravinsky concedeu uma entrevista á London General Press, sobre a sua musica, a musica moderna e os mestres antigos. Começou dizendo que seu pae, que era cantor da ordem de Chaliapine, cujo nome, porém, não ultrapassou a Russia, por nunca ter querido sair de lá, não desejava que elle fosse musico, tanto que o fez estudar e se formar em direito, numa universidade allemã. Approximou-se de Rimsky-Korsakoff, que se tornou se umestre e dahi o abandono da sciencia juridica pela musica.

Tinha dez annos, quando escreveu a primeira composição: **O pequeno fauno e a pastora**. Fez logo sensação e, quando foi para o estrangeiro, tentaram fazel-o voltar á Russiã, o que aconteceu sempre com os que parecem se impor além das fronteiras. Não se considera essencialmente russo, mas cosmopolita, embora deva á Russia algumas das suas qualidades e, a proposito, affirma que os slavos e os italianos são os povos realmente musicaes. Quanto aos velhos mestres, mostra a sua predilecção por Mozart, Weber e Schubert e affirma que não despreza a musica antiga, por não gostar de uma ou outra obra dum grande compositor.

Referindo-se á musica moderna, explica que, no tempo de velocidade e progresso scientifico, em que vivemos, as formas de expressão têm de differir das do passado, pois do contrario não haveria criação. Sobre a objecção corrente de não ser melodica a musica moderna, replica dizendo tratar-se apenas de uma melodia nova. Os artistas avancados são raramente aceitos pela sua epoca.

Ajunta que 90% do publico não gosta da sua musica e só lhe restam 10% de defensores, mas não sabe o que mais temer, se estes ou os detractores. A sua musica, prosegue, tem sido chamada de geometrica e pergunta si o esforço da

arte não é dar fórma definitiva ao que antes era amorpho. Os generos musicaes precisam sempre de reforma. Assim, a opera de Wagner. Elle foi rei e hoje os seus dramas musicaes só são aceitos por um pequeno publico que "descobre" um genero musical depois de varias gerações. Cita a sua experiencia na operaratorio, **Edipo-Rei**, feita em collaboração com Cocteau, para provar que a materia antiga é boa, desde que tratada modernamenté.

Salienta a consideravel influencia do jazz, posto julgue que elle já deu o que podia, ao menos na fórma actual. Fala com entusiasmo da cultura musical na America (leia-se EE. Unidos), graças ao dinheiro, que encoraja o desenvolvimento das artes, como foi o caso da Renascença.

Da sua musica propriamente, diz que é mais facil fazel-a do que falar della. "O compositor, termina Stravinsky, escreve coisas que mal se podem explicar, apenas apresental-as; A arte é, em grande parte, fruto da intuição. A intuição do artista exprime coisas que o commum dis homens não consegue compreender no momento em que apparecem. A arte é uma antecipação do futuro. Eis porque deixarei que as minhas obras falem por ellas mesmas, e um dia o mundo as compreenderá."

"RUGBY" DE HONEGGER

Foi levada em Paris, pela Orchestra Symphonica, dirigida pelo maestro modernista d'Ansermet, a symphonia de Honegger "Rugby", que causou a mais extraordinaria sensação. E' o sport em musica, não á maneira descriptiva, de uma partida de rugby, que se desenvolve, mas a emoção que causa ao musicão esse match, ou melhor a impressão sonora que traduz. Já Debussy, em **Jeux**, interpretára o rythmo ondulante de um jogo de "tennis" e, agora, Honegger nos dá um "rugby" Henri Prunières assim descreve a nova obra de Honegger, dizendo que "é construida solidamente, como um movimento symphonico. As impressões visuaes e dynamicas são transportas em jogos de contraponto. Os rythmos contrastados, chocantes e cortados, évocam maravilhosamente essa impressão de impulso quebrado e rebatido,

MOLHADOS FINOS

M. MARQUES & CIA.

S. PAULO

RUA JOSÉ BONIFACIO, 11

que nos deixam os jogadores de "rugby". A orquestra é muito sobria e põe em relevo, em toda a sua pureza, as linhas melódicas de uma soberba poliphonia. É talvez para lhe deixar toda a plenitude que o autor renuncia os artificios da batéria. O programma nos annuncia que a obra começa e acaba em ré maior. Confesso-lhe que me não apercebi e não juraria que Honegger o fez de proposito. A obra, em conjunto, deixa uma impressão auditiva menor atonal do que **Horacio Vencedor** ou **Pacific**. Distingue-se por instantes superposições de temas evoluindo em duas tonalidades diferentes. **Rugby** pertence á mesma veia de **Pacific**, mas só se parece com esta na apparencia. **Pacific** exaltava a machina; os seus rythmos tinham alguma coisa de mecanico e inexoravel. Com **Rugby**, não se trata mais de biellas e de pistões, mas de musculos e de seres humanos que lutam e se divertem. A obra deixa uma impressão de força, de saúde, de algria juvenil."

Honegger confirma assim as suas solidas qualidades de musico moderno que procura traduzir a realidade objectiva dos tempos modernos, para exaltal-as na arte, recriando a vida pela emoção transformadora.

"CIRURGIA" DE P. O. FERROUD

Ja falamos nessa opera-comica de Ferroud, que obteve grande éxito, em Monte Carlo, na ultima estação. É a historia de um dentista que, depois de martellear um cliente, o deixa sair com o dente nas mesmas condições. A partitura é muito curiosa, salientando-se uma dança, que exprime a luta de uma pinça imperita com um dente dolorido. Os criticos chamam tambem attenção para o preludio, de interessante engenhosidade e salientam a influencia russa que perpassa sobre o trabalho de Ferroud, que é daquelles que mettem uma raiva aos passadistas...

"A MUSICA MODERNA" DE K. WESTPHAL

Acaba de apparecer este livro, em Leipzig, na collecção **Aus Natur und Geisteswelt**, que estuda a musica moderna, nascida com Debussy. O autor distingue duas epochas: Debussy e Schoenberg. Em torno disso, desenvolve as suas considerações, mas chega-se á conclusão de que o seu criterio, pelo menos, é deficiente, pois as duas maiores figuras modernas, Stravinsky e Honegger, quasi não apparecem, ou melhor o primeiro é citado mas o autor de **Pacific** nem taes honras tem. Que musica moderna é essa?



"ESTUDOS" DE TRISTÃO D'ATHAYDE

Tristão d'Athayde acaba de publicar a 2ª serie dos seus "Estudos", que são collectaneas dos artigos, que publica em "O Jornal", como critico literario. Tristão d'Athayde é o critico da moderna geração e será elle um moderno? Pela sua sensibilidade e pelo seu temperamento, estará sempre nas tendencias do espirito novo, que transforma e modifica o Brasil? Não há duvida, que elle tem acompanhado, estimulado e exaltado as manifestações do espirito moderno, os seus poetas e os seus escritores. A sua palavra tem sido sempre um incentivo á revolta sadia contra a velharia imprestavel, o academicismo falso e o passadismo esteril. Se, por vezes, podemos divergir das directivas que prefere, forçoso é reconhecer que elle se une indissoluevamente com o modernismo brasileiro, nas linhas essenciaes, nos pontos fundamentaes. Além do mais, Tristão d'Athayde tem tido, mais do que outro qualquer, o heroismo da critica, a abnegação da leitura de dezenas e dezenas de livros que se publicam por estes Brasis a fóra. E elle o faz, com o mais amoroso intento, de contribuir para a verificação e selecção dos valores em jogo.

O seu primeiro estudo, nesta nova serie, é consagrado aos novos de 1927, sendo um balanço de todas as forças de reacção apparecidas em varios pontos do Brasil e que mostra que o movimento moderno não está morto. "Mais vivo do que nunca está elle. Vivo nos espiritos, como vivo na acção silenciosa e isolada de muitos, a quem faltam apenas os meios de conjugarem esforços para se fazerem ouvir dos eternos surdos, que não sabem escutar o crescimento das plantas no chão." Por essas palavras de Tristão de Athayde sente-se bem o entusiasmo com que affirma esse facto já glorioso, do modernismo brasileiro, unica solução, pela sua amplitude abrangendo todo o phenomeno nacional, para o problema do Brasil.

Tristão d'Athayde inclui tambem, neste livro, varios ensaios de philosophia. Estes se caracterizam por uma intelligencia aguda, que procura conduzir, através dos multiplos elementos que lhe fornece a sua erudição, o fio do raciocinio com segurança e habilidade, ao mesmo tempo que se esforça por não perder o contacto com a realidade, pelo amor da abstracção. O seu juizo é sempre um equili-

brio racional, uma solução segura para as premissas que estabeleceu.

A inquietação do mundo contemporaneo, em busca de formulas que concilium um estado de coisas novo, criado por imperiosas determinantes economicas, que modificam todo o quadro social, se reflecte em varios ensaios da 2ª parte do livro e Tristão d'Athayde estuda diversos phenomenos indices do momento, através de idéas philosophicas, como as doutrinas de Kayserling, ou de expressões geraes, como nos estudos: **O Dilemma** e **O Distributismo**, para fixar as directivas que orientarão os homens ardentest deste começo de seculo. Elle desdobra a realidade tumultuosa dos dias que correm, a acção violenta de destruição e reconstrucção, idéalismos em marcha e limitações interesseiras; transpondo-a para o plano intellectual, para a pesquisa dos seus segredos, encerrados afinal na incognita de toda essa equação, cujos termos se propõem ousadamente aos nossos olhos assombrados. A argucia e subtileza do seu calculo são sempre precisas e é forçoso reconhecê-lo, mesmo que não o acompanhem, mesmo na divergencia franca.

Neste livro apresentam-se assim as lecções essenciaes do espirito de Tristão d'Athayde: o critico e o ensaista. Não vamos, nesta noticia, tentar o estudo do seu trabalho que, pela variedade de assumptos e intelligencia com que são versados, torna o livro obra do melhor merito. Só isso queremos acentuar, mas não é necessario insistir, por tal fórmula Tristão d'Athayde se impõe no nosso meio intellectual, de que é uma das mais significativas expressões, uma das forças de rendimento mais proveitoso.

A VIDA DE JOAQUIM NABUCCO

Apparecerá muito breve o livro de D. Carolina Nabuco sobre a vida de Joaquim Nabuco. Pela sua extraordinaria documentação, pelo methodo da exposição, pela copia de informações, pelo criterio geral, esse livro é de grande valor, sendo tambem escripto com graça e uma elegancia sobria. Joaquim Nabuco encontra assim, na sua filha, um biographo seguro e imparcial, um commentador de toda a sua enorme acção politica e literaria e que, de mais a mais, reproduz a sua admiração filial, escrevendo **Um estadista do Imperio**. O periodo da formação, a luta abolicionista, a propaganda pan-americanista, a obra do escriptor e do philosopho, a sua projecção mundial, são estudados, através dos documentos, enquadrados no conceito justo e na analyse serena. Este trabalho, entre outros meritos, é uma poderosa contribuição para o estudo da nossa historia, pois, situando Nabuco, desenvolve

todo o scenario em que fulgiu. A documentação de discursos, artigos, cartas, papéis intimos e outros elementos para o juizo do tempo, é prodigiosa e completa. Será pois um livro de vivo interesse e irrecusavel utilidade.



UMA SYNTHESE DE TAINÉ

Foi feita por Emile Boutmy, Albert Sorel e Gaston Paris, os tres amigos que melhor conheceram o grande autor da *Philosophie de l'Art*, na seguinte formula latina, inscripta sobre uma placa, inaugurada em Vouziers, por ocasião do seu centenario, em 22 de Outubro do anno passado.

Causas rerum altissimas

Historia, Letteris, Philosophia

Candido et constante animo

Perscrutatus

Veritatem unice dilexit.

O THEATRO EM BERLIM

Ha uma certa preocupação no theatro moderno de voltar veladamente á these, ou pelo menos ás discussões sociaes, philosophicas e moraes, em torno do desenvolvimento das scenas. O exemplo tipico dessa tendencia está em *Siegfried*, de Giraudoux, que dizem ter sido encomendada pelo Quai d'Orsay, para justificar a politica locarnesca. Pura blague. Agora, em Berlim, tem alcançado grande exito a peça de Hasenclever *Fazem-se casamentos no Céu*, cujo caracter fantasista e construcção audaciosa, pois

se, passa metade no céu e metade na terra, busca provar alguma coisa, que o céu é impotente diante do amor dos homens, os amantes são seres incuraveis e farão perpetuamente todas as tolices. A apresentação de Deus em trajes de jogador de golf e S. Pedro, como burocrata, é um recurso de comicidade. Passadista, que fez a maravilha das operetas de Offenbach. Hasenclever com o seu pessimismo, vindo do expressionismo sombrio, esforça-se por encontrar formas novas para a comédia, mas a sua novidade está mais na verve e fantasia com que trabalha as suas peças, do que na propria estrutura e desenvolvimento dramático.

PREMIOS LITERARIOS DE 1928

A Academia Goncourt concedeu o premio literario para 1928 a Maurice Constantin-Weyer, por seu romance: *Un homme se penche sur son passé*. O premiado é hoje uma das figuras em evidencia nas letras francezas, como romancista e "conteur" e a sua obra é numerosa e original, original, como diz Frédéric Lefèvre, á força de ser simples. O seu desejo de fazer conhecido na França, o Canadá, "véritable pays d'épopée, sous ses divers aspects, dans le temps et dans l'espace", inspirou-lhe a *Epopée canadienne*, que conta os seguintes livros: *Vers l'ouest* (1922), *La Bourrasque* (1925), *Manitoba* (1924), *Cinq éclats de silex* (1927), *Un homme se penche sur son passé* (1928) e que foi o premiado, e os volumes em preparação, *Du sang sur la neige* e *Montcalm*. Amigo e companheiro de Gus Bofa, Pierre Mac Orlean, Valery Larbâud, Pierre Mille, Ben-

jamin Cremieux e outros escritores modernos. Constantin-Weyer é uma figura que começa a ultrapassar as fronteiras do seu paiz e a sua epopeia canadense é uma obra de força singular de aventura, de pittoresco e intenso realismo.

O premio Femina foi concedido a Dominique Dunois, pseudonymo de Mme. Marguerite Lesmele, pelo livro *Georgette Garou*, que Paul Chauveau chama: "un grand livre emouvant tout accordé aux rythmes inéluctables et profonds de la terre et du ciel. C'est aussi une tragédie paysanne."

O *Siècle Médical*, de Paris, instituiu um premio para um romance da autoria de um medico, tendo sido o primeiro conferido a Gil Robin, pelo seu livro *Noel Mathias*. O premiado é o dr. Gilbert Robin, autor de varios trabalhos scientificos, dentre os quaes, em collaboração com Adrien Borel, o livro *Les Rêveurs éveillés*, sobre as theorias modernas do sonho e do estado sonhador, muito conhecido e divulgado entre nós.

ACABA DE APPARECER

a

Segunda Edição

do

RETRATO DO BRASIL

de

PAULO PRADO

ENSAIO SOBRE A

TRISTEZA BRASILEIRA

Em todas as livrarias

Preço 6\$000

Movimento Brasileiro

O NOSSO REPRESENTANTE EM S. PAULO

E' nosso representante em São Paulo o Snr Felippe Godoy de Oliveira.

AOS SNRS. ASSIGNANTES

Rogamos aos Srs. Assignantes, que não recebam pontualmente, os numeros de MOVIMENTO BRASILEIRO, que apparece sempre a 6 de cada mez, o obsequio de avisar esta Redacção, afim de reclamarmos á Sub-directoria do trafego postal.

LYCÉE FRANÇAIS

(Fundado em 1915 por A. Brigole)

Rua das Laranjeiras, 13 e 15

Estabelecimento modelar de ensino

Cursos:

Primario,

Secundario

e Commercial

Externato e Semí-Internato

Livraria Moura

Rua do Ouvidor, 145

DE

FLORES & MANO

Editores e importadores, completo sortimento de livros nacionaes e estrangeiros, revistas e jornaes.

Esta casa encarrega-se de tomar assignaturas de

"MOVIMENTO BRASILEIRO"

NECATORINA MERCK

capsulas gelatinosas de
TETRACHLORETO DE CARBONO PURISSIMO
fabricadas por E. MERCK (DARMSTADT, Allem.) para a
CURA ESPECIFICA DA ANCYLOSTOMOSE

Tendo obtido um "tetrachloreto de carbono purissimo", a casa Merck, - por suggestões de interessados na campanha de Saneamento do Brasil - resolveu acondicionar este valioso helminthocida como especialidade pharmaceutica a que foi dado o nome de "Necatorina". A "Necatorina" já se encontra amplamente distribuida por todas as pharmacias do paiz. Deste modo, está ao alcance facil do doente o especifico da opilação e os Srs. medicos, prescrevendo a "Necatorina Merck", terão a segurança de adoptar, para os casos adequados, um tetrachloreto de carbono absolutamente garantido quanto ás suas condições de pureza.

— Depositarios exclusivos no Brasil: DAUDT, OLIVEIRA & C. — Rio de Janeiro —